

Paul Ham

O jovem Hitler

Os anos de formação do Führer

TRADUÇÃO
Leonardo Alves



19. “Se 15 mil desses corruptores hebreus tivessem sido mergulhados em gás venenoso”

Epílogo: A criação do Führer

Apêndice: O Programa de 25 Pontos nacional-socialista alemão

Caderno de imagens

Notas

Referências bibliográficas

Agradecimentos

Créditos das imagens

Sobre o autor

Créditos

Que sorte para os governos que o povo não pensa.

Adolf Hitler

*Não há nada mais perigoso no mundo do que
ignorância franca e estupidez consciente.*

Martin Luther King

Prólogo

Um pouco de contexto...

Nenhum outro líder ou movimento político recorreu tanto a eventos catastróficos para subir ao poder quanto Adolf Hitler e o Partido Nazista.

Hitler jamais teria ido de “Indigente de Viena” (apelido com que o antes confiável colega Hermann Göring mais tarde o tacharia) a “Führer” não fossem as condições apocalípticas criadas pela Primeira Guerra Mundial (1914-8) e suas consequências. Desprezado como um mendigo desequilibrado antes da guerra, depois dela Hitler foi alçado à condição de figura messiânica. “O que aconteceu sob o comando de Hitler”, diz o historiador Ian Kershaw, “seria inconcebível sem a experiência da Primeira Guerra Mundial e o que se sucedeu.”¹

Muito menos evidente é a maneira como as experiências da juventude de Hitler, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, forjaram o conquistador da Europa a partir daquela argila humana pouco promissora. Que misteriosa confluência de natureza, estímulo, acaso e oportunidade levou ao surgimento de um dos ditadores mais sanguinários do século XX? O que, em suma, criou o Führer?

Todo indivíduo é moldado intensamente por experiências extremas da infância e da juventude, e Hitler não foi exceção. Suas lembranças na Frente Ocidental foram companheiras constantes por toda a sua vida, passageiras melancólicas em sua trajetória rumo ao poder, influenciando

todos os seus pensamentos, todas as suas ações. E ele tinha uma lembrança formidável dela. Ao contrário de muitos outros soldados da época, que ansiavam voltar para casa e ficaram aliviados quando a guerra acabou, Hitler se deleitava com a batalha, recusava-se a aceitar a derrota e mergulhou em um extremo descontentamento com o armistício. A guerra foi um ferro candente que marcou sua personalidade, um delírio incendiário, uma dança inesquecível com a morte.

No entanto, a Grande Guerra de Hitler não recebeu a devida atenção. Biógrafos tendem a marginalizá-la, a relegá-la à condição de rito de passagem, de aventura da juventude; ou a descrever o desempenho dele como soldado. Contudo, como o próprio Hitler declarou em muitas ocasiões, aquela guerra e suas consequências imediatas foram as experiências pessoais mais formativas de sua vida e exerceram um impacto imenso em tudo o que se seguiu.² Realmente, a “primeira guerra” de Hitler demanda uma reclassificação como o fator que ocasionou sua ascensão ao poder. Mas, para a maioria das pessoas, a participação dele no conflito, e no que a sucedeu, permanece curiosamente obscura.

Os censores e os mitômanos do nazismo não ajudaram. Após sua eleição como chanceler, Hitler despendeu esforços extraordinários para abafar os fatos sobre sua juventude — chegando até mesmo a exigir a execução de um “marchand” com quem fizera amizade quando era jovem e que ameaçou revelar detalhes incômodos do início da vida dele em Viena. Tão extremas foram as medidas adotadas por Hitler e pelos propagandistas do nazismo para preservar o mito do Führer que cabe perguntar: o que eles estavam escondendo e por quê?

Talvez um pouco de contexto possa ajudar a preparar o cenário para a história a seguir. O mundo em que Hitler nasceu, em 1889, estava

vivendo o ápice de um período de imenso desenvolvimento econômico, expansão colonial e agitações sociais. Os anos 1890 foram os estertores finais da Era de Ouro, e para algumas pessoas foi uma década excepcionalmente dourada. Na Europa, em 1890, o decil mais rico (os 10% mais ricos) detinha quase 90% da riqueza total (situação que se manteria até 1914), conforme demonstrado pelo economista Thomas Piketty.³ A maior parte do resto da população vivia em estado de imensa pobreza, baixa expectativa de vida e constante ansiedade.

As potências europeias se animavam não tanto pelas injustiças sociais internas quanto pela atração do Novo Imperialismo no exterior, sobretudo a disputa para controlar a vastidão de recursos dos territórios africanos ainda não dominados. O resultado da Corrida à África, que transcorreu entre 1870 e 1913, foi na prática um saque total conforme as nações europeias avançaram sobre o continente para capturar e trincar essa antiga malha de terras tribais. Como disse Thomas Pakenham em seu clássico *The Scramble for Africa*: “A África foi partilhada feito um bolo, e as fatias foram devoradas por cinco nações rivais. Até o fim do século, as tensões geradas pela Corrida ajudaram a contaminar o clima político na Europa, deixaram a Inglaterra e a França na iminência da guerra e precipitaram um conflito com os bôeres, a guerra mais custosa, longa e sanguinária desde 1815”.⁴

Com a Corrida, os dois maiores imperialistas — França e Inglaterra — acabaram disputando os espólios mais fartos, enquanto à Alemanha, derrotada e perigosamente amargurada, coube um punhado de restolho. Essas novas apreensões coloniais não reverteriam o lento declínio das maiores potências imperiais. Os britânicos e os franceses já pressentiam os sinais do eclipse. A economia da Alemanha e a dos Estados Unidos cresciam a um ritmo mais acelerado e logo iam se fortalecer o bastante

para ameaçar a hegemonia da Inglaterra e da França, cuja dominação colonial cobria o mundo de rosa e azul.

Os trabalhadores também queriam uma parte da riqueza mundial. Inquietações internas corriam o risco de refrear a cobiça e o poder das classes detentoras do capital. Por toda a Europa, os movimentos operários rugiam com todas as forças, em meio à formação de novos partidos socialistas ou “trabalhistas”: o Sozialistische Arbeiterpartei (SAPD) da Alemanha, em 1875; o Labour Party da Inglaterra, em 1900; e o Parti Socialiste de France, em 1902. O American Populist Party (ou People’s Party), um partido de trabalhadores rurais, teve seu auge durante o pânico financeiro de meados da década de 1890 (antes de ser assimilado pelos democratas).

Concomitante a isso, a ascensão do nacionalismo econômico gerou um espírito de patriotismo agressivo e rivalidade racial. Povos inteiros – nações, religiões, tribos – foram classificados como “superiores” ou “inferiores” com base na teoria do “darwinismo social”, em voga. Em suma, essa aplicação distorcida da ciência da evolução na sociedade humana estabelecia que a “raça mais apta” um dia governaria o planeta.

Quando o mundo adentrou o século XX, um novo conservadorismo social ganhou força na juventude europeia, caracterizado por uma fé ressurgente em Deus, no rei (ou cáiser ou tsar) e na pátria. Muitos estudantes franceses e alemães, especialmente, rejeitaram a decadência da geração de seus pais e ansiaram pelo regresso às Antigas Certezas.⁵ O nacionalismo militante inflamou o preconceito europeu contra minorias étnicas. Os judeus, em particular, foram amplamente aviltados e perseguidos com regularidade. No fim do século XIX, os russos realizaram enormes pogroms, ataques violentos contra comunidades judaicas. O resultado foi que centenas de milhares de judeus do Leste

Europeu fugiram para a Europa Ocidental, e muitos se estabeleceram na Alemanha e no Império Austro-Húngaro, principalmente em Viena.

Os franceses apresentaram uma modalidade menos sangrenta, mas não menos perniciosa, de discriminação dos judeus. O Caso Dreyfus (1894-1906), em que um oficial judeu foi acusado injustamente de traição, dividiu a nação e expôs as profundezas do antissemitismo na França.

As massas estavam menos interessadas na crueldade em colônias distantes contra uma minoria perseguida e mais nas invenções deslumbrantes da Era das Máquinas, que atingiu o auge entre 1890 e 1920: prédios colossais, máquinas voadoras fabulosas, automóveis luzidios, armas de poder destrutivo sem igual e ainda sopas enlatadas, radioatividade, o cinematógrafo (precursor do projetor de cinema) e os primeiros indícios científicos de que o CO₂ causa aquecimento global. A série impressionante de descobertas prefigurou a maneira como as pessoas viveriam pelos cem anos seguintes.

Era extasiante a vida na aurora do século XX para aqueles que tinham o poder e a riqueza de desfrutar dela. E um dos sóis que mais brilhavam no horizonte era uma entidade política jovem, recém-unificada e carregada de confiança: *Deutschland*.

Não podemos compreender a vida de Hitler sem entender a devoção que ele nutria pelo Estado alemão, a pátria de seus sonhos juvenis. Ia além de mero patriotismo. Era um desejo visceral por um futuro governado por uma Grande Alemanha, uma Pan-Alemanha. Nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, isso parecia factível, até mesmo inevitável, aos olhos dos poucos supremacistas alemães e militaristas prussianos que Hitler tanto admirava.

A base histórica para a paixão de Hitler era a criação do Império

Alemão em 1871 — o resultado da unificação de 26 reinos, ducados e principados que haviam dominado a Europa Central desde a derrota de Napoleão em 1815. A mão firme de Otto von Bismarck, o Chanceler de Ferro, agregou esses constituintes em um Estado unificado, que passou a ser liderado pelos prussianos e pelos cáiseres da Casa de Hohenzollern após sua vitória enfática na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1.

O novo Reich alemão viria a se beneficiar da união política e de uma zona interna de livre comércio (a *Zollverein*), que disseminaria os frutos do sucesso econômico da Prússia para a Baviera. Contudo, “raça” e “cultura” eram incentivos igualmente potentes para a unificação. A *Deutschland* se inspirava no pangermanismo — o reconhecimento de um Estado mútuo, unido por uma língua (92% da população falava alemão) e uma religião (a maioria se considerava luterana) comuns, e por um senso palpável de destino nacional, oriundo da crença na supremacia da cultura alemã e de uma forte noção do que significa ser “alemão”: não tanto uma nacionalidade, mais como uma sensação ou um espírito que voltaria ao passado distante — para além do Sacro Império Romano-Germânico, remontando ao mundo ancestral de tribos teutônicas e mitologia wagneriana.

A unificação da Alemanha foi acompanhada de quatro décadas (1871-1913) de intenso crescimento econômico, abastecido por uma população que subiu de 41 milhões para 68 milhões no mesmo período. Em 1900, a Alemanha já havia suplantado a Inglaterra como a maior economia da Europa e possuía a segunda maior malha ferroviária do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos.⁶ Em 1913, tornara-se a maior exportadora de aço da Europa ao superar a Inglaterra. A nova Alemanha também oferecia as políticas sociais mais progressistas do continente. Nos anos 1880, Bismarck havia introduzido o primeiro

sistema de bem-estar social da Europa e promulgado leis que permitiam que operários tivessem plano de saúde e seguro contra acidentes, e que previam benefícios para mães e um plano de previdência nacional, tudo muito antes de qualquer outra nação desenvolvida.⁷ Desde 1871, todos os homens alemães tinham direito a voto, uma liberdade que só alcançou toda a população britânica masculina em 1918 (o sufrágio universal foi concedido às mulheres alemãs em 1918, dez anos antes da concessão às mulheres inglesas).

Em suma, ao contrário do que a Inglaterra, a França e a Rússia (conhecidas como a Tríplice Entente) descreviam falsamente como uma tirania ameaçadora na década que precedeu o início da Primeira Guerra Mundial — alguns historiadores ainda comparam a Alemanha pré-1914 com o regime nazista —, a Alemanha era, na realidade, o país mais liberal da Europa, com um vibrante Partido Social Democrata.⁸

Na Prússia, por sua vez, as entranhas autoritárias desse Estado de liberalismo progressivo espreitavam. A classe militar prussiana ansiava expandir as fronteiras da Alemanha, proteger o Reich contra a ameaça da Rússia e adquirir um império colonial nos moldes do britânico e do francês. Nos primeiros anos do século XX, os comandantes prussianos não detinham a influência política necessária para atingir tal meta. Contudo, passavam uma imagem e um tom agressivo o bastante para inflamar a beligerância da Tríplice Entente, o que levou ao efeito perverso de enfraquecer o governo civil de Berlim e reforçar os generais prussianos, acelerando a marcha rumo à guerra.

Sentindo-se oprimidos pelo torno triplo constituído por Rússia, França e Inglaterra, os líderes militares da Alemanha elaboraram um plano fantástico de guerra “preventiva”, uma “corrida à fortaleza”, para se precaver contra um ataque dos supostos inimigos e proteger o jovem Reich.

Em julho de 1914, Berlim o acionou. Quando o chanceler Theobald von Bethmann-Hollweg entregou de fato o controle da nação às Forças Armadas, os generais prussianos *inventaram* uma causa para a guerra a partir de uma crise administrável nos Bálcãs. O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando não foi propriamente o *motivo* da Primeira Guerra Mundial, não mais do que a agitação das asas de uma borboleta: a morte do herdeiro ao trono austro-húngaro apenas proporcionou lenha para aqueles em Viena e Berlim que já estavam determinados a começar uma.⁹

Nenhum grupo ansiava mais pela guerra com os sérvios do que a minoria germanófono da Áustria, os “pangermânicos” extremamente leais, incluindo a família de Hitler, que se via parte de uma minoria inquieta dentro do poliglota Império Austro-Húngaro, uma relíquia étnica peculiar das convulsões históricas do século XIX.

Uma breve recapitulação dessas agitações ajudará a compreender por que o jovem Hitler, um austríaco, cresceu fascinado pela nação alemã, desprezando o regime austro-húngaro. Em 1815, o Congresso de Viena, formado para negociar a reconstrução pacífica da Europa após a derrota de Napoleão, criou uma vaga associação de 39 estados alemães, ou principados, conhecida como Confederação Alemã, a maior parte da qual viria a ser unificada por Bismarck mais tarde (como visto anteriormente). Ela foi concebida como o prelúdio de um Estado moderno que viria a substituir o decadente Sacro Império Romano-Germânico.

Dilacerada por conflitos internos e disputas de poder, a Confederação não conseguiu se consolidar, fraturou-se com as revoluções democráticas que se espalharam pela Europa em 1848 e acabou por se desintegrar quando a Prússia e a Áustria, seus dois

integrantes mais poderosos, reuniram seus aliados e entraram em guerra em 1866. Esse clímax de hostilidades, que remontava à invasão da Silésia, sob o controle da Áustria, pelo prussiano Frederico, o Grande, em 1740, terminou com a derrota da Áustria.

Excluída da nova esfera alemã, a dinastia dos Habsburgo, que governava Viena, acabou por montar uma “monarquia dupla” com a Hungria, de acordo com o Compromisso Austro-Húngaro de 1867. Enquanto isso, a Prússia, sob o comando rigoroso de Bismarck, confirmou seu domínio sobre os principados alemães e, com a derrota da França na Guerra Franco-Prussiana de 1871, prosseguiu com a criação do Estado alemão unificado.

Como já vimos, uma característica que permeava a Alemanha de Bismarck era a sofisticada concepção que seus cidadãos tinham de si mesmos como “alemães”, no sentido de partilhar uma afinidade nacional — e racial. A família de Hitler, assim como outros milhões de austríacos germanófonos, também se reconhecia nessa identidade alemã palpável, independentemente de morar em outro país. Era um vínculo quase místico que transcendia a política e a geografia.¹⁰ No entanto, os austríacos germanófonos foram excluídos do recém-formado Reich alemão e se sentiam párias, exilados da terra de seus antepassados.

Das onze nacionalidades diferentes no Império Austro-Húngaro, os austríacos alemães representavam o bloco étnico mais poderoso, com 12,7 milhões de indivíduos, quase um quarto da população total de 52,8 milhões, seguidos pelos húngaros (20%), tchecos (13%) e poloneses (10%). Os alemães étnicos jamais perderiam o desejo de voltar à pátria, sempre sonhando com o dia em que uma Grande Alemanha assimilaria toda a Áustria (um sonho que Hitler realizaria com a Anschluss de março de 1938, quando anexou a Áustria ao Terceiro Reich). A contrapartida dessa germanofilia era o desdém que eles sentiam pela

composição multirracial do território austríaco, em especial o Parlamento poliglota de Viena – sentimento que o jovem Hitler viria a absorver completamente.

Nas décadas de 1880 e 1890, esses pangermânicos tinham forte representação na região de Linz, onde Hitler cresceu. De fato, o Programa Linz, um manifesto político publicado em 1882 e intitulado em referência à capital da Alta Áustria, defendia a “germanização” do Império Austro-Húngaro e a ocupação dos territórios eslavos.¹¹ Mas foi em Viena que, como veremos, eles encontraram a voz mais enfática, em meio a um grupo de políticos da extrema direita, jornalistas fajutos e pregadores de rua tomados pela visão de um povo alemão que se ergue e assume o controle do senil Império Habsburgo.

Em 11 de novembro de 1918, após quatro anos de uma guerra mundial que deixou 37 milhões de mortos ou feridos, a Alemanha se rendeu.

Com a moeda totalmente desvalorizada, a nação humilhada, a monarquia extinta e a vida de seus cidadãos abalada pela morte de pais, filhos e maridos, o povo alemão desesperado recorreu a um “salvador” improvável: um herói de guerra austríaco desconhecido que possuía um estranho carisma, dotado de voz estrondosa e vontade de ferro, que se recusava a aceitar o acordo de paz e vociferava com fervor seu compromisso por uma Alemanha acima de tudo, cativou a imaginação de uma nação devastada pelo conflito mais sanguinário que o mundo já havia visto.

O jovem Hitler: Os anos de formação do Führer é mais do que uma história dos primeiros anos da vida dele. O objetivo aqui é revelar como suas experiências pessoais de guerra direcionaram uma mente já problemática rumo a um projeto de vingança genocida. Esta obra

pretende demonstrar como o Führer — no sentido do que Hitler viria a se tornar *pessoalmente* — jamais teria sido possível sem a imersão dele na Primeira Guerra Mundial e suas consequências, experiências que consideraria as mais formativas de sua vida. Em um sentido mais amplo, *jovem Hitler* descreve como a sociedade brutalizada da Alemanha pós-guerra desempenhou o papel de dr. Frankenstein para inúmeros desequilibrados, extremistas e criminosos, proporcionando a um homem como Adolf Hitler uma plataforma e um campo fértil.

Um alerta: é notória a dificuldade de escrever sobre esse homem, porque Hitler e os nazistas tentaram apagar ou alterar o passado dele a fim de transformar sua vida em lenda. O biógrafo, portanto, se vê capturado por uma rede que o objeto de estudo lançou para preservar um mito. Para sobreviver à armadilha, precisamos destruí-la. O distanciamento histórico representa um perigo para a tarefa, pois tudo o que se escreve sobre Hitler é, conscientemente ou não, condicionado pelo Holocausto. Aspectos do início da vida dele que poderiam humanizá-lo — seu amor pela mãe, seus amigos judeus de Viena — parecem estranhos ou surpreendentes à luz do que se seguiu.

Deve-se tentar humanizá-lo? Algumas pessoas acreditam que é moralmente obscuro tentar imaginar Hitler como menino, rapaz, soldado, dotado de pensamentos e emoções; para elas, ele sempre será o monstro que ordenou o Holocausto (note a reação delas à aparente “humanização” do Führer no filme *A queda*). Não podemos descobrir nada novo com esse raciocínio. Como a ressurgência do neonazismo em nossa própria época deixa dolorosamente claro, Hitler não era estranho: sua carga de ódio aflige muita gente hoje. A mente dele foi uma manifestação extrema de pensamentos partilhados por muitas pessoas — naquela época e atualmente.

Rotular Hitler como monstro, como um assassino psicótico, como a encarnação do mal, e depois lavar as mãos e dar o trabalho como concluído sugere que ele foi um fenômeno raro e inexplicável, uma aberração da história que provavelmente jamais voltaremos a ver. Sem dúvida, Hitler possuía habilidades singulares: um talento excepcional para a oratória, uma memória formidável e um encanto frígido. Entretanto, a verdade perturbadora é que Hitler era profundamente humano: ele personificava o sentimento de milhões de pessoas, e ainda personifica.

Contudo, seu ódio assassino em relação aos judeus e a determinação de destruí-los, assim como suas teorias raciais que condenaram outras minorias indefesas (homossexuais, ciganos, pessoas com deficiência) aos campos de extermínio, ainda desafiam a compreensão convencional.

O jovem Hitler: Os anos de formação do Führer busca as respostas na juventude dele, resgatando os acontecimentos que o levaram a fugir da família e de seu país natal e a se lançar ao campo de batalha para então voltar à Alemanha devastada pela guerra e descobrir que o sonho de sua vida estava arruinado.

Nota: os títulos dos capítulos a seguir são as próprias palavras de Hitler, extraídas de Minha luta ou de sua obra posterior, Tischgespräche im Führerhauptquartier [Conversas à mesa no quartel-general do Führer].

1. “Na época, eu achava que tudo tinha que explodir”

No dia 20 de abril de 1889, Sábado de Aleluia, na pequena cidade de Braunau am Inn, na Alta Áustria, onde Alois e Klara Hitler moravam de aluguel em um apartamento em cima de uma taverna, nasceu uma criança que foi batizada de Adolf. O casal já havia gerado dois filhos, um menino chamado Gustav e uma menina chamada Ida, mas ambos morreram muito jovens, o que trouxe grande sofrimento aos pais. Portanto, Klara decidiu dedicar ao filho sobrevivente todas as energias do amor materno.

É impossível imaginar a ascensão de Hitler ao poder se ele tivesse mantido o sobrenome original do pai, Schicklgruber. A imagem de centenas de milhares de alemães erguendo o braço direito e gritando “*Heil Schicklgruber!*” não é apenas risível, mas inconcebível. Tamanho é o poder de um nome.

Alois nasceu em Döllersheim, na Baixa Áustria, em 1837, de uma filha de fazendeiro solteira chamada Maria (ou Marie) Anna Schicklgruber; a identidade do pai dele permanece até hoje uma incógnita. Cinco anos após o nascimento misterioso de Alois, Maria Anna se casou com Johann Georg Hiedler, um assistente de moleiro pobre de 55 anos. Após a morte prematura da mãe em 1847, a criação de Alois coube a Johann Nepomuk, irmão caçula e rico de Georg, que era um fazendeiro na cidade próxima de Spital e grafava o sobrenome

como Hüttler (na época era comum sobrenomes aparecerem com grafias diferentes).

Em 1876, aos 39 anos, e com apoio da família, Alois descartou o sobrenome infeliz e adotou uma variação do nome do pai adotivo. Daí em diante ele passaria a ser conhecido como Alois Hitler, um nome cujas origens germanas e tchecas remontavam ao século XIV e que significava “pequeno proprietário”. A decisão de Alois teve pouco a ver com suas ambições profissionais: até então, o nome Schicklgruber não havia prejudicado sua carreira como um respeitado agente aduaneiro. O mais provável é que ele tenha adotado o sobrenome para garantir legitimidade — e, portanto, a herança do pai adotivo — e se distanciar, junto com sua família, do passado de pobreza. Os Schicklgruber tinham sido fazendeiros pobres, e houve ocasiões em que a falta de dinheiro chegou a obrigar a mãe dele e Georg a dormir dentro de um cocho.

No início de 1879, Nepomuk e outras três testemunhas oficializaram a mentira de que Alois Hitler era filho legítimo de “Georg Hitler”, tal como ficou registrado no cartório da paróquia de Döllersheim. E assim, quando o pai do menino foi declarado “legítimo”, se expurgou dos autos o maior impedimento ao futuro de Adolf como político.

A identidade do pai verdadeiro de Alois (e do avô paterno de Adolf) permanece um mistério. Há quem acredite que Alois foi resultado de um caso entre Maria Anna e Johann Nepomuk, que, só para complicar a situação, era também avô de Klara. Se for verdade, isso faria com que a mãe de Hitler fosse parente de sangue de Alois, de modo que Adolf seria fruto de uma relação incestuosa. Outra crença comum afirma que o pai de Alois era um judeu itinerante que havia dormido com Maria Anna quando estava de passagem pela cidade. Apesar da falta de provas, o mito popular do “avô judeu” de Hitler persiste, e até hoje há quem insista em acreditar nisso.

Alois Hitler, um responsável funcionário público, era um daqueles austríacos germanófonos que tendiam a se considerar “mais alemães que os alemães” no caos étnico do Império Austro-Húngaro, com suas onze nacionalidades, nove línguas e várias religiões. Em público, ele era respeitável e até simpático, mas na vida privada era bruto e desagradável, um homem dedicado a governar sua ditadura doméstica quando não estava na taverna mais próxima. Era “um marido autoritário, dominador, agressivo”, segundo Kershaw, e “um pai rigoroso, distante, impositivo e, muitas vezes, irascível”.¹ No entanto, se aos olhos de hoje ele parece um tirano doméstico, seu comportamento era relativamente comum na época. Ele era também um provedor responsável, orgulhoso de sua posição, e nutria uma paixão por apicultura.

Incansável e itinerante, Alois estava sempre em movimento, mudando de casa e cidade e arrastando a família consigo. Em 1892, quando Adolf tinha três anos, Alois foi promovido a despachante aduaneiro sênior, um cargo de prestígio, e a família se mudou para Passau, na Baviera, do lado alemão da fronteira, o que imbuiu a fala de Adolf de um sotaque alemão. No mesmo ano, a família sofreu mais uma tragédia: nasceu outro filho, Otto, que morreu depois de apenas sete dias. Klara, uma mãe dedicada, ficou especialmente abalada.

Klara Hitler (cujo nome de solteira era Pölzl) era a terceira esposa de Alois, 23 anos mais nova que o marido. Ele tinha dois filhos do segundo casamento, Alois Jr. e Angela, que continuaram com a família na década de 1890, após a morte da mãe. Embora Klara fizesse o possível para incluí-los, eles se sentiam afastados e esquecidos, enquanto o pequeno Adolf recebia a maior parte do afeto. Em 1943, Patrick, filho de Alois Jr., reclamou que Adolf havia sido “mimado desde o amanhecer até tarde da noite, e os meios-irmãos eram obrigados a ouvir histórias

intermináveis sobre a maravilha que Adolf era”.² Alois Jr. saiu de casa aos catorze anos, e Angela se casou aos vinte.

Alois e Klara haviam se conhecido quando ela trabalhava como faxineira para ele. Camponesa modesta, Klara era uma mulher delicada e maltratada, com tranças castanhas bem-feitas, “belos e expressivos olhos azul-acinzentados” e uma persistência pacata, ainda que ineficaz.³ Ela tentava defender o filho dos acessos de fúria do marido e tomava o partido de Adolf quando ele desobedecia aos decretos de Alois, algo que aconteceria com cada vez mais frequência com o passar dos anos, provocando de tempos em tempos surras e escândalos turbulentos. Muito já se disse da violência do pai de Hitler, mas não há indicativos de que as surras eram mais sérias do que aquelas que a maioria dos meninos recebia na época.

Nesse ambiente, o amor e a proteção da mãe proporcionavam ao filho um refúgio acolhedor e sufocante. O próprio Hitler lembraria, em *Minha luta*, que era o “queridinho da mamãe” e vivia em um “leito de penas macias”.⁴ Ele mais que retribuía o amor da mãe, segundo Eduard Bloch, o médico judeu da família. “Por fora, o amor dele pela mãe era a característica que mais chamava a atenção”, escreveu o dr. Bloch mais tarde. “Nunca presenciei tamanho apego.”⁵ August Kubizek, o único amigo da juventude de Hitler, também faria uma observação semelhante: “Adolf amava muito a mãe [...]. Eu me lembro de muitas ocasiões em que ele demonstrou esse amor pela mãe, principalmente, e de forma mais comovente, durante a última doença dela; quando ele falava da mãe, era sempre com um profundo afeto [...]. Quando moramos juntos em Viena, ele sempre levava consigo um retrato dela”.⁶

Em 1894, quando Adolf tinha cinco anos, Klara deu à luz outro filho, Edmund, e em 1896 veio uma menina, Paula. Privado da condição de filho favorito, o jovem Adolf se tornou temperamental e ressentido. Ele

mergulhou nos livros de faroeste de Karl May. Adorava Mão de Ferro, o maior herói de May, e o índio americano Winnetou. Vivia entregue a brincadeiras de caubóis e índios, uma atividade que manteve até bem entrada a adolescência, muito depois de seus companheiros começarem a se interessar por esportes e meninas. Sem amigos da mesma idade, Adolf recrutava meninos mais novos para sua “tribo” e os compelia a brincar.

Hitler viria a invocar a memória de May por toda a vida. O famoso contador de histórias foi uma espécie de mentor para ele. “Quando se via diante de situações aparentemente perdidas”, escreveu Albert Speer, mais tarde, “[o Hitler adulto] ainda recorria àquelas histórias porque elas lhe davam coragem da mesma maneira que as obras de filosofia serviam para outras pessoas e a Bíblia, para idosos.”⁷

No final de 1898, a família se mudou para uma casa pequena ao lado do cemitério da cidadezinha de Leonding, nos arredores de Linz (que anos depois se tornaria um centro de peregrinação nazista). Um dos primeiros esboços dele, “Nosso quarto”, sugere com o título que a família inteira se amontoava em duas camas. Na realidade, era o quarto de Adolf e Paula, onde a cada manhã ele se apavorava com a expectativa de receber um beijo da irmã, por insistência da mãe deles. Edmund, o irmão, dormia com os pais. O menino morreu de sarampo em 1900, aos seis anos, restabelecendo o status de Adolf como único filho homem de Klara.

Aos doze anos, Hitler se tornara um menino egocêntrico e mimado, com temperamento agressivo e nítido desprezo pela autoridade. Uma testemunha se lembrava de ser ele uma criança “imperiosa”, “que se irritava com facilidade”, “não dava ouvidos” a ninguém. “Ele tinha as ideias mais loucas e se safava. Se não fizessem do jeito que ele queria,

ficava muito bravo [...]. Não tinha amigos, não se afeiçoava a ninguém e às vezes era muito cruel. Ele se enfurecia com qualquer trivialidade.”⁸

A educação escolar de nível médio de Hitler ocorreu em duas instituições, e nenhuma delas conseguiu ajudar o rapaz teimoso e indolente que parecia determinado a repelir qualquer instrução. Embora tivesse se saído bem no *Volkschule*, o ensino fundamental, no vilarejo de Fischlham, perto de Linz, os anos de felicidade ali acabaram de repente em 1900, quando seu pai decidiu enviá-lo ao *Realschule* na cidade, que dava ênfase a disciplinas técnicas, em vez de ao *Gymnasium*, que seguia o currículo clássico. Ali, Hitler não apresentou desempenho adequado em nenhuma disciplina além de desenho. Considerado “caipira” e alvo de deboche, ele não fez amigos nem tentou fazer. Ia às aulas com uma expressão de desgosto. Ridicularizava toda autoridade. Foi reprovado em matemática e história natural, e repetiu o primeiro ano, no período letivo de 1901-2.

Hitler admirava apenas um professor, o dr. Leopold Poetsch, um alemão que lecionava história e enchia a cabeça do rapaz com histórias palpitantes sobre o passado heroico da Alemanha. “[Poetsch] penetrava as densas brumas de milhares de anos”, escreveria Hitler mais tarde. “Quando o escutávamos, sentíamos-nos candentes de entusiasmo e às vezes chegávamos inclusive às lágrimas.”⁹ Hitler depois atribuiria às aulas dele sua transformação em um jovem “revolucionário” nacionalista, um exemplo clássico de poder seminal imbuído retroativamente de um relacionamento do passado. Hitler conferiu a Georg Ritter von Schönerer, o então aclamado líder do movimento pangermânico, o mesmo poder de influenciar sua mente juvenil. Contudo, o estrondoso supremacismo alemão e antissemitismo de Schönerer estavam na distante Viena.

Ali em Linz, foi a personalidade impressionável do menino Hitler e sua intimidade com Poetsch, de quem ele se lembrava com carinho como um “senhor idoso eloquente e grisalho” e uma figura paterna, que ativaram o orgulho nascente dele por uma Grande Alemanha e semearam a ideia de que judeus e eslavos não eram apenas estrangeiros indesejáveis, mas *raças* inferiores. Poetsch era originário da região de língua alemã vizinha aos eslavos meridionais, onde sua experiência com conflitos raciais “o transformou em um nacionalista alemão fanático”, segundo William Shirer.¹⁰ É certo que Hitler jamais esqueceu o professor favorito. Muitos anos depois, em uma viagem pela Áustria ocupada em 1938, o Führer visitou Poetsch em Klagenfurt e se deleitou em saber que o mentor de sua infância havia sido membro da SS nazista clandestina na Áustria, que fora banida nos anos que antecederam à capitulação do país para a ocupação alemã.

Na escola, o único interesse genuíno de Hitler era por “arte”, não história, como ele alegaria mais tarde, apesar de jamais obter o grau de “excelente” por nenhum de seus desenhos — a nota mais alta que ele recebeu na disciplina, durante seus quatro anos no *Realschule*, foi “bom”. Um de seus esboços sobreviventes (que provavelmente não era um exercício do curso) retrata seu professor de arte se masturbando, uma imagem que psico-historiadores provavelmente deviam ignorar: quantos meninos já não caçoaram de seus professores de maneira parecida sem vir a se tornar ditadores?¹¹

Apesar de suas investidas malogradas com o lápis, desde cedo Adolf declarou que queria ser um “grande artista”. Alois considerou aquilo uma afronta pessoal, tratando os sonhos do filho como algo absurdo. Furioso com sua indolência, o pai instou Adolf a seguir seu exemplo e entrar para o funcionalismo público, e na disputa pelo futuro do jovem

os fios do relacionamento tenso de ambos se romperam. “Ele achava simplesmente inconcebível”, diria Hitler mais tarde sobre o pai, “que eu rejeitasse o que havia se tornado a razão de sua existência [...]. Com escassos onze anos, pela primeira vez na vida me vi obrigado a me opor.” E concluiu: “Eu não queria ser funcionário público”.¹²

Quando, aos treze anos, Hitler voltou a informar ao pai suas ambições, Alois ficou “sem palavras”. “Pintor? Artista?”, gritou ele, com desdém, segundo Hitler relataria mais tarde. “Ele duvidava da minha sanidade, ou talvez acreditasse que não tinha ouvido bem ou entendido o que eu dissera.”¹³ Os sonhos do menino evocavam tudo o que Alois mais detestava e temia: o futuro imprestável e a pobreza crônica de um boêmio preguiçoso — o extremo oposto do funcionário público provinciano e respeitável que Alois se esforçara para ser. “Artista, não, jamais enquanto eu estiver vivo!” Hitler se lembrava dos gritos do pai. Os dois nunca entrariam em acordo a respeito disso. “E assim a situação persistiu de ambos os lados”, escreveu em *Minha luta*. “Meu pai não abandonou seu ‘Jamais!’. E eu intensifiquei meu ‘Sim!’.”¹⁴

A rebeldia de Adolf era “uma rejeição de tudo o que o pai dele defendia e, portanto, uma rejeição do próprio pai”.¹⁵ “O pior insulto possível contra o pai seria ele se tornar pintor”, diria August Kubizek, o amigo de adolescência de Hitler.¹⁶ A partir daquele momento, o rapaz receberia uma “senhora surra todos os dias”, diria sua irmã Paula, embora provavelmente as surras na verdade não fossem tão frequentes assim.

Para tentar proteger o filho, Klara esperava “obter com gentileza” o que o pai dele não conseguira realizar com crueldade.¹⁷ A infância de Hitler, a partir de então, oscilou entre o sentimento de imensa afeição pela mãe e o medo, e muitas vezes ódio, do pai, o que ajuda a explicar os terríveis acessos de raiva que começaram mais ou menos na mesma

época, adquirindo uma intensidade assustadora quando ele entrou na vida adulta.

Na manhã de 3 de janeiro de 1903, Alois caiu da cadeira no café que frequentava em Leonding e pouco depois foi declarado morto, em decorrência de hemorragia interna, aos 65 anos. As primeiras reações de Hitler foram de tristeza e lágrimas pela perda do pai que ele provavelmente mais temia que odiava; Kubizek decerto acreditava que Hitler nutria um respeito relutante por Alois, e muito mais tarde o próprio Hitler descreveria em *Minha luta* seu respeito pelo pai. No entanto, o luto da família foi temperado por uma dose de alívio. Eles agora estariam em boas condições financeiras, graças à pensão de viúva de Klara, e livres da presença sufocante de um homem que havia esgotado toda a capacidade de amar que seu filho poderia haver tido em algum momento.

Alguns rapazes se sentem inspirados a honrar a memória do pai por meio de imitação. Não foi o caso do jovem Hitler, que, como se desejasse contrariar o falecido pai, continuou fazendo jus às baixas expectativas que sua família tinha em relação a ele. Se possuía algum talento secreto, como acreditavam alguns de seus professores, disfarçava-o bem sob uma postura de indiferença despreocupada. O jovem Adolf era irremediavelmente preguiçoso quando lhe convinha. Seu desempenho acadêmico medíocre acentuou sua morosidade e seu gênio forte, bem como embotou sua autoestima. Em 1903-4, seus boletins do terceiro ano eram tão ruins que ele foi obrigado a sair do *Realschule* de Linz e ingressar em uma das escolas periféricas da província para avançar ao quarto ano e continuar os estudos. Na prática, ele foi expulso. “No momento, só havia uma certeza: minha evidente falta de sucesso na escola”, admitiria Hitler mais tarde. “O que me dava

prazer, eu aprendia, especialmente tudo o que acreditava que precisaria no futuro para ser pintor. O que me parecia irrelevante [...] ou pouco interessante, eu sabotava completamente.”¹⁸ O dr. Eduard Huemer, um de seus professores, lembraria que ele era teimoso, grosseiro, dogmático e temperamental, e que gostava de pregar peças em outros meninos.¹⁹

Na escola nova, em Steyr, perto de Linz, as notas caíram mais ainda, talvez em parte como resultado por ele ter saído de casa pela primeira vez para morar com outra família. Hitler sentia falta do afeto tranquilo da mãe e mais tarde reconheceria que sentia muita saudade de casa. “Ele ficou bastante carente e cheio de ressentimento quando a mãe o mandou para Steyr”, comentaria mais tarde o dr. Josef Goebbels.²⁰ Em 1904-5, Hitler foi reprovado em alemão e matemática, matérias fundamentais para passar de ano.

Daquela vez, ele evitou a humilhação de ser rejeitado pela escola, decidindo largar de vez os estudos. No verão de 1905, aos dezesseis anos, abandonou a escola. Em seu último dia em Steyr, saiu para comemorar, aparentemente sozinho. Depois, alegou que havia perdido o último boletim escolar, dizendo à mãe que ele havia caído pela janela do trem, levado pelo vento. Na realidade, o diretor da instituição o encontrou mais tarde, sujo e amassado: o jovem Adolf usara o boletim como papel higiênico.

Hitler saiu do *Realschule* sentindo apenas ódio pela escola, pelos colegas e pelos professores. Era deles a culpa de seu fracasso, não dele próprio. Seu desprezo pelas autoridades também incluía a Igreja católica em que fora criado, provavelmente resultado da fúria que sentia por um padre da escola que o ofendera. A respeito da crisma de Hitler, na Catedral de Linz em 1904, o padrinho dele, Johann Prinz, diria que era o menino mais “bruto e obstinado”. “Eu tinha a impressão de que ele sentia nojo de toda a crisma.”²¹ Em 1942, Hitler refletiu sobre a

adolescência: “Aos treze, catorze, quinze anos, eu já não acreditava em mais nada, certamente nenhum dos meus amigos acreditava na suposta comunhão [...]. Na época, eu achava que tudo tinha que explodir”.²²

De onde veio essa fúria juvenil contra o mundo? Hitler não tivera uma “infância difícil”. Não nasceu pobre, nem em uma família problemática ou pouco amorosa. A resposta tem escapado aos psiquiatras. “Até onde sabemos”, conclui Volker Ullrich, seu biógrafo mais recente, “a infância de Hitler parece ter sido relativamente normal [...]. Não há nenhuma indicação nítida do desenvolvimento anormal de personalidade ao qual os futuros crimes dele poderiam ser atribuídos. Se Hitler tinha algum problema, era excesso de amor materno, não escassez.”²³

Hitler alegou doença para justificar sua decisão de abandonar os estudos. Ele convenceu a mãe a acreditar que, sendo o único “homem” da família, poderia ajudá-la a manter a casa. Klara cedeu, mas ele a enganou nos dois sentidos: não estava doente o bastante para interromper a educação e, nos dois anos seguintes, iria se revelar uma presença inútil como “homem da casa”, vadiando, desenhando, saindo em longas caminhadas e realizando poucas tarefas domésticas. Ele considerava os serviços domésticos algo indigno do boêmio radical que desejava ser e se recusava a fazê-los.

Na época, a família morava em um apartamento pequeno no terceiro andar de um edifício residencial da Humboldtstrasse, nº 31, em Linz. Para suplementar a pensão, Klara alugava o quarto principal. Então ela e Paula dormiam na sala de estar enquanto Adolf ocupava o quarto de visitas (ou closet). O retrato grave de seu falecido pai assomava na parede, e alguns dos cachimbos de Alois eram mantidos cuidadosamente nas prateleiras. O fantasma do tirano mesquinho

perdurava, destilando na mente do filho um fio de rebeldia. Hitler continuou perseguindo uma “vida de ócio”, como ele dizia, ocupando-se com pintura, escrita e leitura — principalmente de histórias de mitologia alemã sobre os feitos heroicos das tribos teutônicas —, e mantendo uma indiferença afetada em relação ao futuro.

Todo mundo que o conheceu na época lembraria o quanto o rapaz de dezesseis anos se entregava ao desenho, geralmente de edifícios, museus ou pontes, com um fervor maníaco, até altas horas da noite, ignorando qualquer pessoa ou preocupação. Nesses rompantes criativos, Hitler costumava se retirar para uma fantasia em que reformulava Linz e criava cidades novas, imaginando-se um gênio com o poder de mudar o mundo (35 anos depois, ele encomendaria uma ponte nova sobre o Danúbio com base nos desenhos de sua juventude).²⁴ Qualquer mínima oposição à realização de tal sonho o fazia estourar em surtos de raiva e desespero, como quando ele não ganhou na loteria apesar de sua convicção de que estava destinado àquilo. O prêmio teria financiado seu projeto de um casarão à margem do Danúbio. Na cabeça de Hitler, o azar não tivera nenhum papel na história. Havia um complô obscuro. Ele atacou os organizadores da loteria e o governo, acusando-os de ter manipulado os resultados para prejudicá-lo.²⁵ Hitler se enfureceu com a credulidade dos pobres que haviam se arriscado na loteria, condenados a perder todas as economias para sempre. Era de todo mundo a culpa por não ter ganhado, exceto do adolescente raivoso que não tinha acertado os números sorteados.

2. “Em casa, não me lembro de ouvir a palavra [judeu]”

Em 1904, atrás das colunatas internas da Ópera de Linz, de onde era possível assistir ao espetáculo com um ingresso barato “sem cadeira”, Hitler, aos quinze anos e ainda estudando no *Realschule* de Steyr, conheceu August Kubizek (“Gustl”), que era nove meses mais velho e estava destinado a ser seu único amigo de infância. Gustl era um rapaz tímido e pensativo, e um músico talentoso. A primeira impressão que teve de Adolf foi de que era “um garoto incrivelmente pálido e magro [...] que acompanhava o espetáculo com brilho nos olhos. Imaginei que fosse de uma família de classe mais alta, porque estava sempre vestido de forma meticulosa e era muito reservado”.¹

E assim começou a curiosa amizade deles, tal como Kubizek descreveu em 1951 em suas memórias *The Young Hitler I Knew*, um autêntico registro da infância do Führer.² Com certeza a obra comete erros em relação a fatos e ênfases, distorcida pela distância e pelo tempo, mas retrata com precisão esse relacionamento estranhamente desigual, em que Hitler sempre se impunha, criticando a falta de pontualidade de Gustl, reprimindo suas ideias convencionais de classe média e, de maneira geral, dominando o calmo e inofensivo jovem que adorava música e se submetia pacientemente às vontades do companheiro intenso.

O relacionamento funcionava porque cada um dos dois descobriu sua função e se ateuve a ela: Hitler era ostensivo e petulante; Kubizek era o acólito discreto e o ouvinte pacato. A passividade e o senso de humor zombeteiro de Gustl se revelaram perfeitos contrapesos para a imposição, a prepotência e a agressividade de Hitler. Eles formavam uma espécie de dueto. E, enquanto a gabarolice de Hitler compensava sua insuficiência acadêmica, a confiança reservada de Kubizek refletia uma habilidade genuína; quando os dois se conheceram, ele trabalhava na loja de estofamentos do pai e estudava música, e com o tempo ia se tornar um músico de sucesso e um regente.

Kubizek encarava Hitler não só como amigo, mas como uma curiosidade, um personagem a ser estudado; Hitler se deleitava com a deferência e a admiração do outro. Nenhum dos dois demonstrava grande interesse por meninas, ainda que a pompa de Hitler possa ter atraído olhares de algumas moças que frequentavam a Ópera. O relacionamento dos rapazes não era homossexual, ao contrário do que já se sugeriu. Eles partilhavam o amor pela ópera, sobretudo pelas obras de Richard Wagner, e assistiam a espetáculos com regularidade.

Na época, Hitler era de estatura média, magro, e tinha o rosto macilento. Já usava o cabelo preto alisado por cima da testa. Vestia-se com o estilo marcadamente boêmio que seu pai teria desprezado: chapéu de aba larga, luvas de pelica preta, camisa branca e sobretudo preto com forro de seda. Ele não praticava nem nutria nenhum interesse por esportes (só esquiava de tempos em tempos). Vagueava pelas ruas de Linz com seus sonhos de um dia reconstruir a cidade.

Muitos dos que o conheceram chamaram a atenção para seus olhos extraordinários. Eram “brilhantes”, “vazios” e “cruéis”, nas palavras da mãe de Kubizek.³ “Nunca vi na vida”, escreveu Kubizek, “ninguém cuja aparência era dominada tão completamente pelos olhos [...]. Na verdade,

Adolf falava com os olhos, e até mesmo quando seus lábios estavam fechados dava para saber o que queria dizer.”⁴ Astutos e provocadores, os olhos de Hitler se sobrepujavam a seus traços faciais pouco agradáveis — boca fina, nariz reto com narinas largas e uma vaga insinuação de pelo facial (o bigode curto só apareceria após a guerra).

A comunicação entre Hitler e Kubizek era estritamente unilateral. Hitler demonstrava pouco interesse em outras pessoas além de si mesmo e de suas próprias ambições, e atacava furiosamente qualquer um que, em sua opinião, não conseguisse compreendê-lo ou atrapalhasse seus planos. Na verdade, ele tinha uma plateia de um homem só: Kubizek ouvia e acenava, e mais tarde comentaria, com certo enfado: “Meu trabalho [para Hitler] era apenas um estorvo cansativo em nosso relacionamento pessoal. Ele ficava girando, sem paciência, a bengala curta que levava para todos os lados” (uma precursora do chicote que portaria em Munique após a Primeira Guerra Mundial). Quando Adolf abandonou os estudos e Gustl perguntou, inocentemente, se ele arrumaria um emprego, o outro respondeu com rispidez: “Claro que não”, como se empregos fossem para criaturas inferiores.⁵

Nas caminhadas diárias que eles faziam por Linz, Hitler desatava a pronunciar longos discursos raivosos acerca de qualquer assunto que lhe ocorresse. Ele apresentava aqueles rompantes tempestuosos com uma destreza verbal que impressionava Kubizek: eram prodigiosas rajadas de verborragia ininterrupta sobre arte, a malha urbana, a ponte sobre o Danúbio, um novo sistema ferroviário subterrâneo e, claro, o último espetáculo de Wagner. Ele inundava o companheiro com ondas de fúria crescente, como se imaginasse estar se dirigindo a uma grande multidão, e não a seu único amigo. Fascinado, Gustl decidiu que Adolf tinha uma necessidade primeva de gritar.

Aqueles discursos, geralmente proclamados em algum lugar a céu aberto, pareciam uma erupção vulcânica. Era como se brotasse de repente algo que não fazia parte do corpo dele. Até então, eu só havia presenciado esse arrebatamento no teatro, quando um ator precisava expressar alguma emoção violenta; e, no início, diante dessas erupções, só pude contemplar passivamente, boquiaberto, esquecendo-me de aplaudir. Mas logo percebi que não era interpretação. Não, não era fingimento nem exagero, era um sentimento sincero, e vi que ele falava muito sério [...]. O que mais me impressionou não foi o que ele dizia, mas como dizia. Isso para mim foi algo novo, magnífico. Eu nunca tinha imaginado que um homem seria capaz de produzir tamanho efeito com meras palavras. No entanto, de mim ele só desejava uma coisa: concordância.⁶

E se ele discordasse? “Coisinhas inofensivas, como um punhado de palavras impensadas, podiam fazê-lo explodir de raiva.”⁷

Os principais assuntos de Hitler eram arquitetura, os Habsburgo e a grandeza alemã. Ele passava horas martelando os defeitos do projeto urbano de Linz e delineando como a cidade devia ser reconstruída (muitos anos depois, o homem de cinquenta anos tentaria executar de forma implacável o que o jovem de quinze havia concebido tão precocemente). Ecoando a retórica pangermânica típica da época, ele encarava com desdém o que considerava ser a ineficácia do governo Habsburgo, e via como impraticável a mistura racial do Parlamento vienense, que, na ocasião, consistia em representantes de muitas das várias nacionalidades do império, incluindo alemães, tchecos, poloneses, húngaros e italianos. Hitler ansiava pelo dia em que a minoria alemã da Áustria se juntaria a seus semelhantes para criar um novo Reich alemão que dominaria a Europa. Kubizek, pouco interessado em política, jamais esqueceria o uso incessante que o amigo fazia da palavra “Reich”. O desprezo de Hitler pelo regime austríaco se aprofundava de maneira diretamente proporcional à admiração que sentia por tudo o que era

alemão, um deslumbramento que fora inculcado por uma infância vivida na comunidade alemã da Áustria e pelas histórias fascinantes de conquistas alemãs que havia lido na escola.

De todos os grandes alemães por quem ele se derramou em admiração — Martinho Lutero, Frederico, o Grande, Bismarck e Friedrich Nietzsche —, nenhum lhe era mais caro que seu adorado Wagner. Hitler se embebia dele, lendo tudo o que conseguisse encontrar sobre o compositor. Nas longas caminhadas que faziam, costumava agarrar Kubizek de repente e recitar um trecho de uma das cartas do ídolo ou solfejar uma ária. Sua preferida era *Lohengrin*, uma história de heroísmo das lendas alemãs. Ele queria um dia poder ir ao teatro de Bayreuth, a cidade em que o compositor havia morado.

Nesses rompantes de prolixidade, Hitler não demonstrava nenhuma compaixão, humildade ou inteligência — uma característica que persistiria em sua vida adulta. Aparentemente, outras pessoas só existiam para ele na medida em que pudessem ajudá-lo a realizar seus planos. E se os residentes de Linz o consideravam um falastrão e um desajustado, o paciente Kubizek suspendia a própria descrença em relação à elevada ambição do amigo, da qual Hitler falava como se a concretização fosse não apenas factível, mas fato inconteste.

É claro que não havia nada incomum ou especialmente agourento no rapaz medíocre e egocêntrico que se enfurecia se fosse contrariado. Porém, naquele momento de sua vida, quando uma mão firme e amorosa poderia tê-lo guiado por uma direção mais promissora, uma série de infelicidades, que havia começado com a morte do pai, acabaria por lançá-lo ao mundo como um fracassado malquisto e sem lar.

Naquela época, Hitler exibia poucos sinais de antissemitismo ou ódio racial, em parte porque não pensava muito no assunto. Seus discursos

para Gustl quase não mencionavam os judeus. Ainda que os principais pangermânicos, como veremos, fossem ferozmente antissemitas, Hitler tinha sido educado em um ambiente de tolerância excepcional para aqueles tempos e distintamente não antissemita. O pai dele não admitia preconceito racial em casa, como Hitler relataria em *Minha luta*:

Hoje acho difícil, senão impossível, dizer quando foi a primeira vez que a palavra “judeu” me suscitou consideração especial. Em casa, não me lembro de ouvir a palavra enquanto meu pai era vivo. Creio que o velho teria encarado qualquer ênfase especial no termo como um retrocesso cultural. Ao longo da vida, ele havia adquirido opiniões mais ou menos cosmopolitas, que, apesar de seu marcado sentimento nacional, não apenas permaneceram intactas, como até certo ponto me afetaram.⁸

Devemos situar isso junto ao fato de que o pai de Hitler se associava com extremistas do nacionalismo alemão, que eram conhecidos por suas visões antissemitas. Todo o teor da mentalidade pangermânica era de antissemitismo casual, assim como de antieslavismo. Kubizek lembrava que Hitler certo dia comentara, quando eles passaram por uma sinagoga: “Isto não combina com Linz”. Não há muito o que se concluir a partir disso: eram poucos os judeus em Linz, e só havia um menino judeu no *Realschule* — Ludwig Wittgenstein, o futuro filósofo, que estava na turma um ano acima de sua faixa etária (Hitler estava um ano atrasado). Aparentemente, eles mal se conheciam.⁹

“Foi só aos catorze ou quinze anos que comecei a ouvir a palavra ‘judeu’ com alguma frequência”, diria Hitler em *Minha luta*, “ocasionalmente associada a discussões sobre política. Isso me enchia de um ligeiro desconforto, e eu não conseguia evitar uma sensação desagradável que sempre me tomava quando presenciava qualquer bate-

boca religioso. Na época, não tinha nenhuma outra opinião sobre a questão [judaica].”¹⁰

Na primavera de 1906, Hitler anunciou a Gustl que estava apaixonado. Seu objeto de desejo era uma moça ligeiramente mais velha, alta e loira chamada Stefanie Isak, que ele via caminhando com a mãe na Landstrasse, a principal rua de Linz. O sobrenome judaico dela reforça os sinais de que Hitler sentia pouca ou apenas uma vaga hostilidade em relação aos habitantes judeus de Linz. O amor a tudo venceria.¹¹ No entanto, a presunção de Hitler de que seus sentimentos por Stefanie eram correspondidos se viu diante de um obstáculo imediato: ele não conseguia se declarar a ela. O relacionamento existia apenas dentro de sua cabeça. Ela praticamente ignorava sua existência. Contudo, se Stefanie se dignasse a lançar um breve olhar para ele durante seus passeios diários, Hitler se entusiasmava imaginando que ela o adorava.

Todos os dias, carregando a reboque um estafado Gustl, Adolf se punha do outro lado da rua e contemplava ansiosamente o alvo de seus afetos. Ele ficava em êxtase ao vê-la se aproximar, e seu deslumbramento logo se tornou uma obsessão. Segundo Gustl, ele escrevia poesias e cartas para ela (nunca enviadas), inventava histórias elaboradas sobre o futuro dos dois juntos e até parecia achar que tinha um vínculo telepático com ela. Stefanie se tornou, aos olhos de Hitler, a clássica heroína wagneriana: era Elsa, e ele, Lohengrin, trazido por um cisne para resgatá-la. Diante desses delírios, Kubizek mantinha um silêncio diplomático. Caso se atrevesse a sugerir que Stefanie talvez não sentisse o mesmo, Hitler gritaria: “Você não entende o verdadeiro significado de um amor extraordinário!”¹²

Tímido demais para se apresentar, Adolf mandava Gustl espionar sua amada. Kubizek descobriu fatos perturbadores que poderiam aniquilar a

esperança de Hitler de se casar com Stefanie: aparentemente, ela adorava valsar e tinha alguns pretendentes. “Você precisa fazer aula de dança, Adolf”, sugeriu Kubizek, matreiro. Isso enfureceu Hitler, que odiava dançar e se recusou a fazê-lo por toda a vida (“A dança é uma ocupação que não convém a um estadista!”, declararia ele mais tarde, descrevendo a valsa como algo “efeminado demais para um homem!”).¹³ “Nunca dançarei!”, esbravejou Hitler para Gustl. “Entenda: Stefanie só dança porque é obrigada pela sociedade da qual infelizmente depende. Quando for minha mulher, não terá a menor vontade de dançar!”¹⁴

Um impedimento mais sério ao amor de Hitler era a existência de outros pretendentes. Com um intenso ciúme dos rapazes que supostamente a cercavam, Hitler considerou se suicidar se jogando no Danúbio. Ou isso ou ele iria sequestrá-la e obrigá-la a se casar.

Durante quase quatro anos, Hitler trataria seu amor por aquela menina inocente como “o sonho mais puro de sua vida” — anos em que os dois mal trocariam olhares e jamais uma palavra que fosse. De Viena, para onde ele logo se mudaria para perseguir a carreira de artista, Hitler lhe enviou um único cartão-postal, anônimo, em que declarou seu amor por ela. “Uma vez recebi uma carta”, lembraria Stefanie mais tarde, “de alguém que me dizia que estava estudando na Academia de Artes, mas que eu devia esperar, pois voltaria para se casar comigo.”¹⁵ Foi apenas décadas mais tarde que ela descobriu a identidade do remetente.

Em 1908, a fantasia de Hitler chegou a um fim abrupto. Stefanie ficou noiva de Maximilian Rabatsch, um oficial postado em Linz, com quem se casou em 1910.

3. “Eu havia honrado meu pai, mas minha mãe eu amara”

A primeira vez que Hitler visitou Viena foi em maio de 1906, aos dezessete anos, supostamente para estudar os quadros no Kunsthistorisches Museum [Museu de Belas-Artes]. Ele passou quinze dias na cidade, extasiado com a Ópera, com o edifício do Parlamento, com as grandes mansões à beira da Ringstrasse e com a onipotência deslumbrante da Casa Habsburgo, cuja arquitetura ele estudaria e imitaria. O grande impacto do poder imperial era fascinante, mas pouco adiantou para refrear o desdém de Hitler pelo regime austro-húngaro; ele continuou desprezando os Habsburgo, considerando-os fracos e decadentes, incapazes de governar o reino racialmente poliglota.

Era isso que o jovem tinha de peculiar: ele parecia praticamente alheio à sua condição como só mais um de milhões de “ninguéns” excluídos da sociedade, cuja vida definhava nas várzeas do império. Hitler falava como se já tivesse adquirido o poder de reconstruir cidades e desafiar o poder austríaco: a grandeza da Viena dos Habsburgo, mesmo no ocaso do domínio do imperador, era apenas mais um problema que ele, a “não entidade” indolente de Linz, um dia resolveria.

A Ópera foi o ponto alto da rápida visita de Hitler. Ele assistiu a duas apresentações de Wagner, *Tristão e Isolda* e *O holandês voador*, regidas por Gustav Mahler e com cenografia de Alfred Roller, dois dos maiores

nomes do universo da ópera. Hitler admirava ambos profundamente, e nesses primeiros anos ele defendia Mahler sempre que ouvia qualquer pessoa fazer algum comentário antissemita relacionado ao compositor. Embora tivesse nascido judeu, Mahler se convertera ao catolicismo, o que de pouco adiantou para disfarçar sua “raça” aos olhos dos antissemitas austríacos. (Os nazistas não reconheciam convertidos; como Mahler tinha “sangue judeu”, mais tarde a música dele seria banida.)

Ao voltar a Linz, Adolf encheu os ouvidos de Gustl com os esplendores estéticos de Viena e a magnificência das óperas de Wagner. Sua paixão pelo compositor era irrestrita e jamais diminuiria. Embora sua preferida desde a juventude continuasse sendo *Lohengrin*, uma obra menos conhecida causou forte impressão nele: *Rienzi, o último dos tribunos*, uma ópera claustrofóbica que o compositor havia renegado. Na história, ambientada na Roma do século XIV, Rienzi é apresentado como a vítima de um complô malicioso “das superpotências, da Igreja e do imperador alemão”.¹

Hitler viu *Rienzi* pela primeira vez em Linz em 1906, com Kubizek. Ele se identificou muito com o herói cercado e saiu da ópera em êxtase, transportado para outro tempo e lugar. Gustl acabou sendo conduzido ao topo da colina Freinberg, na cidade, onde Hitler declamou um discurso de autoenaltecimento esplendoroso, dirigindo-se mais a si mesmo que ao perplexo amigo. “Com imagens grandiosas, cativantes”, escreveu Gustl, “ele me contou de seu futuro e do futuro de seu povo. Falou de uma missão especial que um dia seria sua.” Fascinado pelos planos que tinha para o povo alemão, Hitler fez um apelo emocionado a Gustl, disse que precisava ficar sozinho e saiu perambulando noite adentro. Gustl levaria décadas para “compreender o que essas horas de

arrebatamento sobrenatural haviam significado para meu amigo [...]. Foi um rapaz desconhecido que falou comigo naquela hora estranha”.²

Hitler jamais esqueceria aquela noite na Ópera e, em 1939, confidenciaria a Winifred Wagner, nora do compositor: “Foi naquela hora que tudo começou”. Ele se referia ao início da missão de sua vida, a vingança do povo alemão contra os opressores. Era uma projeção retrógrada sobre um período em que ele não tinha uma missão reconhecível, educação ou trabalho, mas o episódio combinaria com o panteão heroico que a propaganda nazista construiria a respeito de sua vida.

Rienzi certamente provocou um impacto profundo em Hitler, mesmo que ignoremos os floreios de Kubizek e a mitomania nazista. Era quase como se ele acreditasse que Rienzi tivesse lhe enviado um recado psíquico para liderar o povo alemão para longe das trevas. Hitler recorreria à ópera durante toda a vida e, como Rienzi, viria a se apresentar no papel de herói vingador de sua nação. A abertura da ópera chegou até a se tornar o hino extraoficial do Terceiro Reich.³

Ciente desse amor pela ópera, Frau Wagner depois daria ao Führer as partituras originais. Por toda a sua longa vida, ela nutriria por ele uma devoção que jamais diminuiria, instigando boatos de que eram amantes. De forma coerente, o manuscrito acompanharia o Führer em seu bunker de Berlim em 1945 e desapareceria nas chamas de seu próprio *Götterdämmerung*.⁴

Viena era o único assunto de que Hitler falava naquele momento. “Na cabeça dele”, escreveu Kubizek, “já não estava em Linz, morava no centro de Viena.”⁵ Ao final de 1906, Hitler decidiu voltar à cidade para estudar desenho. Tinha plena certeza de que a Academia de Belas-Artes iria aceitá-lo. Sua mãe, Klara, aprovou o plano, na esperança de que

desse um norte ao filho sem rumo. A tia dele, Johanna Pölzl (“Hanitante”), irmã mais nova de Klara que tinha deficiência, ofereceu-se para bancar seus estudos, com a condição de que ele fosse aprovado no exame de admissão, que seria realizado em outubro de 1907.

No começo daquele ano, a vida da única pessoa que realmente o amava estava em perigo. Em janeiro de 1907, Klara Hitler se queixou de muita dor no peito, e o dr. Bloch deu o diagnóstico de câncer de mama. Ele explicou à família que ela provavelmente não sobreviveria. Hitler chorou. “Aquele rosto comprido e pálido se retorceu”, diria Bloch mais tarde. “Lágrimas brotaram em seus olhos. Ele perguntou se a mãe não tinha chance.”⁶

Hitler imediatamente se dedicou aos cuidados com a mãe. Ele ficou sentado ao seu lado no hospital Barmherzige Schwestern de Linz, enquanto ela se recuperava de uma mastectomia dupla. De acordo com a fatura do hospital, “o filho” pagou a conta, de cem coroas (a família não tinha plano de saúde), supostamente com a ajuda da tia.⁷ Klara melhorou, mas ela não tinha força para subir os três andares até o apartamento na Humboldstrasse, então em maio a família se mudou para um apartamento elegante na pequena cidade de Urfahr, do outro lado do Danúbio. Embora fosse caro — o aluguel consumia metade da pensão de Klara —, o apartamento térreo era mais acessível para a mulher debilitada, e ela apreciava a vista impressionante do monte Postling.

Em setembro daquele ano, Hitler retomou o plano de prestar o exame de admissão para a Academia de Viena. Ele alugou um quarto pequeno em um pátio rebaixado, com banheiro compartilhado, em um edifício indistinto na Stumpergasse, nº 31, em Mariahilf, um bairro pobre onde residia o “povo humilde” da capital austríaca: estudantes,

desempregados, mendigos e vadios. A senhoria do prédio era uma costureira tcheca chamada Maria Zakreys.

Com uma população de cerca de 2 milhões na época, Viena era a quarta maior cidade da Europa e a sexta maior do mundo, lar dos típicos excessos dos fabulosamente ricos e das privações dos terrivelmente pobres. A maior parte do centro já contava com iluminação pública elétrica, mas não aquela: lâmpadas a gás derramavam círculos melancólicos de luz nas ruas, e querosene bruxuleava nos pequenos apartamentos.

Com absoluta certeza do próprio sucesso, Hitler se convenceu de que seria fácil passar no exame. “Agora eu estava na formosa cidade pela segunda vez, aguardando com uma ardente impaciência, mas também com firme confiança, o resultado do exame de admissão.”⁸ Dos 112 candidatos, 33 (incluindo Hitler) passaram da primeira fase. Ele foi reprovado na segunda, que aceitou 28. “Prova de desenho insatisfatória” foi a avaliação abrupta a respeito dos seis esboços rudimentares que ele realizou sobre os temas solicitados: “Expulsão do Paraíso”, “Caça”, “Primavera”, “Pedreiros”, “Morte” e “Chuva”.

Hitler ficou arrasado: “Quando fui rejeitado, foi como se tivesse sido atingido por um raio vindo do nada”.⁹ Ele reclamou ao reitor da academia, que o aconselhou a tentar a Escola de Arquitetura, pois seus desenhos demonstravam uma aptidão para desenho urbano. No entanto, Hitler não poderia se inscrever nela, pois não tinha o diploma de conclusão do ensino médio. Não é verdade que o extremo antissemitismo de Hitler tenha se originado quando ele foi rejeitado pela Academia de Belas-Artes; nenhum dos cinco professores da instituição que selecionaram os candidatos aprovados era judeu, o que refuta essa hipótese.

Todos os jovens enfrentam rejeição em algum momento da vida, mas, para Hitler, esse foi um ferimento fatal. Em *Minha luta*, ele confere ao episódio um espírito premonitório extraordinário, uma revelação da misteriosa “dualidade” de seu caráter:

Abatido, saí do edifício magnífico de Von Hansen [que abrigava a Academia de Belas-Artes] [...] pela primeira vez tomado de incertezas. Pois o que eu acabara de ouvir sobre minha capacidade foi como um relâmpago, revelando de repente um conflito que havia muito me afligia [...]. Em poucos dias, soube que algum dia deveria tornar-me arquiteto. Sem dúvida, foi uma jornada incrivelmente difícil, pois os estudos que eu negligenciara por implicância no *Realschule* iam me fazer uma tremenda falta.

Então ele simplesmente desistiu. “A concretização do meu sonho artístico parecia fisicamente impossível.”¹⁰

Pouco depois dessa humilhação, Hitler recebeu a notícia de que o estado de sua mãe era grave. Na verdade, conforme o dr. Bloch informou ao jovem de dezoito anos quando ele voltou a Linz em outubro daquele ano, não havia a menor esperança. Klara estava morrendo. Desesperado diante da perda iminente da única pessoa que amava, Hitler fez de tudo para facilitar as últimas semanas dela. Sua devoção era “infatigável”, segundo declarariam mais tarde tanto sua irmã, Paula, quanto o dr. Bloch.¹¹ Kubizek escreveu: “Adolf captava todos os desejos que ela expressava com os olhos e lhe prestava os cuidados mais ternos. Eu nunca o vira tão solícito ou gentil”.¹²

Pouco se sabia sobre o câncer de mama na época. Mamografia, quimioterapia, analgésicos adequados, nada disso existia. A única forma de controlar a doença era por meio de cirurgia, um instrumento muito bruto. Com frequência, o câncer regressava em forma ulcerosa, como

aconteceu com Klara Hitler: a massa cancerosa consumia a pele do peito dela.

O tratamento do dr. Bloch, comum naqueles tempos, era extremamente doloroso: as feridas eram banhadas com iodofórmio, um antisséptico muito usado na época. “O sofrimento das pacientes por causa dos depósitos tumorais hemorrágicos ora corroídos, ora dolorosos, pode ser uma imagem horrível de ver”, segundo o professor Sandy Macleod, especialista em câncer, em um artigo de 2005 sobre o tratamento.¹³ Klara suportou essa dor por seis semanas. “O filho agonizou durante cada segundo do sofrimento dela.”¹⁴

Klara finalmente veio a falecer em 21 de dezembro de 1907, aos 47 anos de idade, na Blütenstrasse, nº 9, em Urfahr. Na manhã seguinte, Hitler foi encontrado ao seu lado, inconsolável. “Foi um golpe terrível”, escreveu ele mais tarde, “especialmente para mim. Eu havia honrado meu pai, mas minha mãe eu amara.”¹⁵ Lembrando o impacto que o rapaz sofreu, o dr. Bloch escreveria em 1941: “Em toda a minha carreira, nunca vi ninguém tão prostrado de tristeza quanto Adolf Hitler”.¹⁶

O cortejo fúnebre seguiu melancólico pelas ruas de Linz no dia 23 de dezembro até a igreja de Leonding, onde Alois estava enterrado, e a proximidade com as festas natalinas intensificou a perda da família. “Hitler, vestido de preto, pálido e esmaecido, levando uma cartola embaixo do braço, caminhava solenemente pelas ruas [...], à frente de um pequeno grupo de pessoas.”¹⁷ Quando o cortejo passou pela casa de Stefanie, a jovem foi à janela, o que fez Hitler achar que ela estava oferecendo seus pêsames; na realidade, nem imaginava por quem os sinos da igreja dobravam.

Hipóteses posteriores de que a incapacidade do dr. Bloch de salvar Klara instilaram em Hitler o violento antissemitismo que levou ao Holocausto não têm fundamento.¹⁸ Não existe nenhum indício de que

Bloch tenha envenenado a mãe de Hitler com a aplicação de doses excessivas de iodofórmio, conforme alegam Rudolph Binion e outros historiadores.¹⁹ Na época, Hitler agradeceu profusamente ao médico por tentar ajudá-la: “Serei eternamente grato ao senhor, doutor”, disse ele ao cirurgião judeu no dia do funeral de Klara.²⁰ Mais tarde, Hitler enviou ao médico cartões-postais pintados por ele mesmo e, em 1940, no que pode ser encarado, nas circunstâncias, como a concessão de um tirano, ofereceu proteção especial da Gestapo a Bloch e aprovou o salvo-conduto para que fosse com a família para os Estados Unidos.²¹

Em 1º de janeiro de 1908, Hitler visitou o túmulo dos pais em Leonding. Com a morte da mãe, ele havia perdido a única pessoa que amava. Não restava ninguém para ele em Linz. Não mantinha contato com os meios-irmãos mais velhos; Paula, que ele só voltaria a ver muitos anos depois, foi morar com Angela Raubal, meia-irmã deles. O jovem Hitler decidiu deixar a cidade de sua infância imediatamente e voltar a Viena.

4. “A academia toda devia ir pelos ares”

Com uma pensão de órfão de 25 coroas mensais e sua parte da pequena herança deixada pela mãe, Hitler seguiu para Viena em 12 de fevereiro de 1908, sem intenção de voltar a Linz. Ele moraria na capital austríaca por cinco anos, arremessado, segundo descreveria mais tarde, em um mundo de miséria e pobreza, “a escola mais difícil, porém mais completa, da minha vida”.¹

Essa imagem que tinha de si próprio – um eco de Rienzi, que se erguia das profundezas mais obscuras para conduzir o povo alemão à luz – teria utilidade para os mitologistas do nazismo. Mas estava longe da realidade. Sem dúvida, ele levava uma vida modesta, como muitos estudantes, e durante quase um ano, como veremos, em estado de grande pobreza. No entanto, suas circunstâncias iniciais eram muito melhores do que Hitler alegaria mais tarde. Ele e a irmã haviam dividido as 2 mil coroas herdadas (o equivalente hoje a cerca de 74 mil libras ou 94 400 dólares) – o que na época era o bastante para ele viver um ano em Viena sem trabalhar –, e quando ele fizesse 24 anos teria acesso a um fundo instituído pelo pai no valor de 625 coroas.

Ao chegar à cidade, Hitler voltou para o apartamento onde havia morado antes, cuja senhoria era a costureira Maria Zakreys, no pátio rebaixado da Stumpergasse, nº 31, em Mariahilf, e logo escreveu para Kubizek: “Toda Viena o aguarda. Então venha logo”. Para a felicidade

de Hitler, Gustl respondeu que chegaria em abril: os pais dele haviam aceitado deixá-lo prosseguir com os estudos em música no Conservatório de Viena (onde ele fora aceito para tocar na orquestra). Gustl alertou que levaria a viola. A resposta animada de Hitler, em 19 de abril de 1908, oferece um vislumbre do senso de humor despeitoso dele e uma nota de sensibilidade em relação ao sucesso de Gustl:

Querido Gustl [...] Muito me alegra que traga sua viola. Na quinta-feira, comprarei dois *Kronen* de algodão e vinte *Kreuzer* de esparadrapos, para meus ouvidos, claro. O fato de que, ainda por cima, você está ficando cego me mergulhou em profunda depressão: vai tocar ainda mais notas erradas do que antes. Então você vai ficar cego, e eu vou acabar surdo. Que infelicidade! Até lá, desejo a você e a seus prezados pais pelo menos uma feliz Páscoa, e lhes envio minhas cordiais saudações, e a você também. Seu amigo.²

Quando Gustl chegou, os amigos passaram a morar juntos no mesmo quarto com um piano grande e quase mais nada de mobília. Eles estavam na cidade em meio a tudo o que admiravam: bons músicos, arquitetura clássica, grandes óperas. Eram dois jovens na flor da idade, com dinheiro e liberdade para aproveitar a vida no coração da Europa. Iam a óperas e concertos, e Hitler visitava com frequência o Parlamento, cuja mistura de raças, línguas e interesses especiais disputando influência aos brados intensificou seu desdém pela sociedade e pela política da Áustria. Enquanto algumas pessoas viam naquela sociedade poliglota uma comédia humana — a expressão mais engraçada da crise de identidade do império foi o clássico *As aventuras do bom soldado Švejk*, do escritor tcheco Jaroslav Hašek, cujo herói se sente absolutamente confuso quanto a que nação deveria defender na Primeira Guerra Mundial —, Adolf Hitler via apenas as ruínas de raças inferiores se debatendo pelo poder.³ A miscigenação racial de Viena era

uma afronta ao sonho dele por uma Grande Alemanha, uma hegemonia pangermânica sobre a Áustria e as nações sob sua influência. Hitler desprezava o Parlamento de Viena, a incapacidade daqueles políticos barulhentos de realizar qualquer coisa em nome da democracia, e a própria noção de democracia, tão primitiva na época.

Quão rapidamente me indignaria diante da comédia lamentável que se desdobrava perante meus olhos! Os presentes eram algumas centenas de representantes populares que precisavam se posicionar a respeito de uma questão de vital importância econômica [...]. O conteúdo intelectual do que aqueles homens diziam era depressivo ao extremo, desde que fosse possível compreender a tagarelice deles; pois alguns senhores não falavam alemão, e sim seus idiomas, ou melhor, dialetos eslavos nativos [...]. Uma turba selvagem gesticulando e gritando ao mesmo tempo em uma cacofonia completa, presidida por um velho senhor bondoso que suava para reviver a dignidade da casa, fazendo tinir violentamente seu sino e se alternando entre censuras brandas e repreensões sérias. Eu não conseguia parar de rir.⁴

A experiência o fez perder completamente qualquer interesse que pudesse ter por uma “democracia parlamentar”.⁵ Sentado na galeria reservada ao público, espantado pelo escândalo feio que se supunha ser um debate público no piso inferior, Hitler foi formando gradualmente a visão de uma Europa liderada por um governante forte e autoritário, um governante alemão, que não toleraria nenhuma das protelações, obrigações e decências de um Parlamento eleito.

Em contraste com sua obsessão pelo Parlamento, o jovem Hitler demonstrava pouco ou nenhum interesse pela grande quantidade de judeus na Viena pré-guerra. Muitos eram refugiados da perseguição russa, muitos haviam fugido da Hungria ou da Galícia (hoje Polônia) e se instalado nos bairros mais pobres, aliviados por chegar a uma cidade

relativamente tolerante, livres do terror. Em 1910, havia 175 318 judeus em Viena, que representavam 8,6% da população (mais do que os 6 mil, ou 2%, de cinquenta anos antes), uma proporção maior do que a de qualquer outra cidade da Europa Central.⁶ Em algumas regiões, os judeus representavam cerca de um terço da população, e 17% dos habitantes do bairro pobre de Brigittenau, onde Hitler passaria seus últimos anos em Viena, eram judeus.

Havia também divisões, étnicas e econômicas, entre os judeus da cidade. As antigas famílias judias de Viena tendiam a ser inseridas na sociedade e respeitadas. Os judeus ortodoxos do Leste Europeu, descendentes de refugiados dos pogroms russos, eram comerciantes pobres que residiam às margens da sociedade, “aceitos por ninguém, odiados por muitos”, segundo Kershaw, vistos como forasteiros tanto pelos judeus vienenses ricos quanto pelo populacho gentio.⁷ E, como em diversas cidades europeias, os judeus mais ricos eram muito influentes na vida cultural da capital, graças ao trabalho, ao nível educacional e às relações comerciais que possuíam, como demonstra o fabuloso estudo de Brigitte Hamann.⁸ Eles geralmente tinham formação de nível superior e ocupavam uma parcela desproporcional dos postos importantes nas áreas de medicina, direito, arte, comércio e comunicação, o que fomentava a inveja e o ressentimento comuns de segmentos da população não judaica.

Na política, eles também eram proeminentes. Mas não correspondiam, nem jamais corresponderiam, a um bloco comunista, como Hitler viria a alegar histericamente mais tarde. Tinham participação de destaque em todos os partidos da Viena pré-guerra, e embora seja válido dizer que eram mais preponderantes na esquerda, a maioria era de socialistas moderados, não de marxistas violentos. Ao contrário do que afirmaria em *Minha luta*, Hitler tinha apenas uma vaga

noção da presença judaica em Viena e estava longe de encará-los como uma ameaça monolítica; tampouco havia desenvolvido qualquer concepção racial ou “ariana” de seu sonho para uma Grande Alemanha.

Hitler dispensava as atrações com que os rapazes costumam se distrair em cidades grandes: sair com garotas, ganhar dinheiro, beber, ir a bailes e festas. Chegou até mesmo a ignorar um convite — intermediado por Magdalena Hanisch, antiga senhoria de sua mãe em Linz — para conhecer o grande cenógrafo Alfred Roller, cujas óperas havia visto no ano anterior. Hanisch fizera a generosidade de escrever uma carta de referência a uma amiga que conhecia Roller, em que descrevia Hitler como “um rapaz sério e ambicioso, muito maduro para um jovem de dezenove anos, e de uma família completamente respeitável”.⁹ O próprio Roller respondeu à carta: “O jovem Hitler devia me fazer uma visita e trazer amostras de seu trabalho para que eu possa vê-las”. Hitler se debruçou sobre as palavras do reverenciado mestre, mas misteriosamente nunca respondeu. Mais tarde ele diria que era tímido demais para conhecer o grande Roller. A explicação mais provável é que sabia que seus trabalhos eram inadequados, então evitou a possibilidade de mais uma rejeição.

A intensa decepção dele com o fato de não ser admitido na Academia de Belas-Artes, que não havia comentado com Gustl, se agravava a cada sinal da evolução do amigo como estudante de música. A dupla discutia, e certa noite Hitler explodiu, admitindo que a academia o havia “rejeitado”, conforme relato de Kubizek:

“Essa academia!”, gritou Hitler. “Só um bando de lacaios artríticos, velhos e obsoletos do Estado, burocratas inúteis, criações imbecis do funcionalismo público! A academia toda devia ir pelos ares.” O rosto dele estava pálido, e os

lábios estavam tão comprimidos que perderam a cor. Os olhos brilhavam. Como eram impressionantes aqueles olhos! Era como se todo o ódio de que ele era capaz ardesse naqueles olhos.¹⁰

O desprezo de Hitler pela academia se estendeu para os egressos e para o movimento artístico mais amplo. Ele detestava os novos mestres do movimento modernista. Ele rejeitaria mais tarde a obra de artistas como Gustav Klimt, Oskar Kokoschka e Egon Schiele como “nada além de esguichos desfigurados”. Sua repulsa também alcançava os modernistas da arquitetura e da música. Hitler simplesmente não conseguia compreender a revolução artística que acontecia à sua volta. Percorria Viena indiferente à música de Richard Strauss, à arquitetura de Josef Hoffman, Adolf Loos e Otto Wagner, e aos poemas de Rainer Maria Rilke. O compositor experimental Arnold Schoenberg, de origem judaica, seria alvo de especial repulsa e acabaria condenado pelos nazistas. Hitler percebia apenas os sons e as imagens de uma monstruosa decadência.

Nas artes visuais, seus heróis eram os pintores realistas e figurativos do século XIX, como Anselm Feuerbach, Carl Rottmann e Rudolf von Alt; e na arquitetura, os neoclássicos Gottfried Semper e Karl Friedrich Schinkel. Seu gosto artístico sempre se limitaria à segurança da respeitabilidade de classe média, às formas definidas e aos contornos sólidos de um mundo transitório. Ele fechava os olhos e os ouvidos à nova revolução da estética, que muitas vezes foi tachada de “modernismo judaico”, apesar de poucos de seus principais luminares serem judeus. Na cabeça de Hitler, começavam a entrar as sementes de um amálgama bizarro.

E tampouco tinha disposição e inteligência para tolerar a elite intelectual de Viena, cujas estrelas em ascensão eram o psicólogo judeu Sigmund Freud e o filósofo judeu Ludwig Wittgenstein (que havia

frequentado a mesma escola que ele em Linz). Hitler chegou a uma cidade muito diferente, uma Sodoma afligida pela inflação e por impostos crescentes, além de prostitutas, vagabundos e estudantes anarquistas; uma Gomorra de subversão violenta, opressão política e pobreza devastadora.

Furioso com a indiferença da sociedade em relação ao que ele considerava serem seus talentos evidentes, o jovem Adolf se dedicou a diversos projetos, nenhum dos quais rendeu frutos: produziu dezenas de desenhos e aquarelas, cobriu-se de planos de compor peças dramáticas baseadas em lendas alemãs e remodelou a arquitetura mais grandiosa da capital austríaca, dedicando dias inteiros só à Ringstrasse. A ópera o consumia — mais tarde, ele diria ter ouvido *Tristão* umas trinta ou quarenta vezes em Viena. Seu estado de espírito oscilava entre a fúria e o desespero, a letargia e a ansiedade. “Sem cessar, ele falava, planejava, esbravejava, possuído pelo afã de se justificar, de provar que era um gênio”, escreveu o biógrafo e historiador Joachim Fest.¹¹

Ao voltar do Conservatório para casa à noite, Kubizek perguntava, com cuidado, como havia sido o dia do amigo, com pavor de provocar alguma reação explosiva. Em uma ocasião, Adolf espantou Gustl ao anunciar que estava compondo uma ópera, cujo título seria “*Wieland, o ferreiro*” — apesar de nunca ter composto uma linha sequer de música ou aprendido a ler partituras, e mesmo sem possuir nenhuma experiência com o ofício de ferreiro. O projeto não deu em nada, por mais que Gustl o incentivasse. Em outro momento, quando o amigo perguntou sobre o dia a dia dele, Hitler anunciou solenemente: “Estou trabalhando em uma solução para a situação habitacional desastrosa de Viena e produzindo estudos para esse fim”.¹²

Ciente da pobreza que o cercava, Hitler dirigiu sua insatisfação aos políticos que considerava responsáveis. Ele sentia pouca compaixão

pelas vítimas e encarava sua condição com repulsa ou desdém, algo que precisava ser limpo; contudo, sabia escrever com eloquência sobre a miséria à sua volta:

Riquezas deslumbrantes e pobreza desprezível se alternavam bruscamente [...]. As hostes de oficiais importantes, autoridades do governo, artistas e acadêmicos eram confrontadas por um exército ainda maior de trabalhadores, e lado a lado residiam a pobreza massacrante e a fortuna da aristocracia e do comércio. Diante dos palácios na Ring perambulavam milhares de desempregados, e sob essa Via Triumphalis da velha Áustria se recolhiam os desabrigados na penumbra e na lama dos canais.¹³

Hitler escreveu que, se estivesse no comando, removeria os pobres das ruas e colocaria todos a serviço do Estado, usando uniforme. Isso dizia o filho de funcionário público, achando que conseguiria resolver por decreto os problemas econômicos crônicos dos quais nada sabia. Na época, Hitler supostamente levava consigo uma foto do pai vestido de uniforme cerimonial e se referia a ele, com orgulho, como uma grande autoridade no “serviço aduaneiro de Sua Majestade Imperial”. Era um indicativo do verdadeiro caráter de Hitler em Viena. Nada boêmio ou revolucionário, como pintaria a si mesmo mais tarde, ele era “cheio de admiração sentimental pelo mundo burguês. Desejava fazer parte [...]. O desdém social era-lhe muito mais doloroso do que a miséria social”.¹⁴

Sua reação a uma manifestação imensa contra o desemprego que ocorreu em fevereiro de 1908 diante do Parlamento de Viena revelou uma mentalidade completamente desprovida de qualquer resquício de compaixão pelos pobres. A certa altura, um homem se sentou em um trilho de bonde e gritou: “Que fome!”. Hitler observou com uma altivez impassível, como se estivesse refletindo sobre como não se comportar caso quisesse começar uma revolução. “Ele absorveu tudo com muita

frieza e atenção”, escreveu Kubizek, “como se seu único interesse — da mesma forma que em suas visitas ao Parlamento — fosse estudar a mise en scène da situação toda, a execução técnica de uma manifestação, digamos.”¹⁵ Quando uma fila de trabalhadores passou por ele em uma rua de Viena, Hitler ficou “assistindo sem fôlego ao gigantesco dragão humano que seguia vagarosamente seu caminho sinuoso”.¹⁶

Por mais que alegasse solidariedade para com o “povo humilde”, Hitler se achava muito superior para participar de manifestações. Foi apenas mais tarde, naquela noite, que ele extravasou sua fúria — contra os políticos, isto é, os novos socialistas, que “organizavam manifestações como aquela”. “Quem está à frente desse povo sofredor?”, gritou ele para Kubizek. “Não homens que viveram as dificuldades das pessoas humildes, e sim políticos ambiciosos e ávidos pelo poder [...] que enriquecem com a miséria das massas.”¹⁷ Suas visitas ao Parlamento produziram uma reação incendiária semelhante: ele se levantava na galeria de visitantes e brandia os punhos, com “o rosto ardendo de emoção”.¹⁸

Kubizek passou o verão de 1908 com a família em Linz. Quando voltou para Viena, em novembro, o apartamento estava vazio. Adolf havia desaparecido, sem deixar outro endereço para contato. Durante os meses anteriores, as correspondências entre ele e Gustl seguiram normalmente, sem nenhum sinal do sumiço iminente. Ele falava de solidão, bronquite e percevejos, e dizia que estava escrevendo muito. Em outubro, as cartas pararam de chegar.

Provavelmente, o desaparecimento de Hitler se explica pela vergonha que sentia da rejeição e da penúria iminente. Em setembro, ele havia tentado mais uma vez, sem sucesso, a Academia de Belas-Artes, o que intensificou sua sensação de fracasso pessoal. Enquanto isso, Kubizek

progredia com seus estudos da música, despertando profundo ressentimento no amigo. (Após o sumiço do amigo, Kubizek só voltaria a vê-lo em 1938, quando, para seu espanto, Hitler visitaria Linz como chanceler. Nesse meio-tempo, Kubizek perseguira a carreira de músico e se tornara regente da orquestra de Marburgo antes da Grande Guerra. Ferido na Frente Oriental em 1915, depois trabalharia na câmara municipal de Eferding, na Alta Áustria.)

Ainda por cima, Hitler passava por severas dificuldades financeiras. Ele quase havia esgotado as economias da mãe. A pobreza se aproximava.

Naquele momento ele entrou, como viria a descrever mais tarde, no ponto mais baixo de sua vida, um universo estígio de terrível fome e desespero. Em novembro, quando saiu do cômodo de Frau Zakreys, ele se mudou para um quarto mais barato na Felberstrasse, nº 22, no bairro vienense de Fünfhaus, uma área pobre perto do centro da cidade, onde ficaria até o dia 20 de agosto de 1909, seguido por um mês em outro quarto mais barato na Sechshauserstrasse, nº 58 (no mesmo bairro). Ele então sumiu de vista e provavelmente passou dois meses — de meados de setembro a novembro — morando na rua, dormindo ao relento e sobrevivendo em meio aos pobres e destituídos da cidade. Ele “mergulhou na mais sórdida miséria”, segundo seu primeiro biógrafo, Konrad Heiden.¹⁹ Dormia em bancos de praça e em cafés, até o princípio do inverno obrigá-lo a procurar abrigo.

Hitler não conseguiu, ou não procurou, emprego como trabalhador comum. O homem que seduziria a Alemanha com a ideia do “nacional-socialismo” não sentia afinidade pelos sindicatos. Em *Minha luta*, ele alegaria haver tido um desentendimento com a classe trabalhadora da cidade durante um breve período trabalhando com obras (fatos não

confirmados), o que ele apresenta como uma experiência que reforçou sua insatisfação com o sindicalismo. Hitler se sentava perto mas não junto deles, no canteiro de obras, e “bebia minha garrafa de leite e comia meu pedaço de pão em um canto mais afastado, observando cuidadosamente meus novos colegas”. Os outros trabalhadores, segundo Hitler, “rejeitavam tudo” e “me enfureciam ao máximo”. Para eles, o Estado era uma invenção das classes “capitalísticas”, e a pátria era “um instrumento da burguesia para explorar os trabalhadores”. Para eles, a autoridade da lei era meramente “um meio de oprimir o proletariado”; a escola, “uma instituição que produz escravos e escravocratas”; a religião, “uma forma de embrutecer o povo e facilitar sua exploração”; e a moralidade, “um sintoma de uma paciência imbecil, dócil”. Ao se familiarizarem com as opiniões desse novo e estranho companheiro, seus colegas ficaram tão irritados que ameaçaram jogá-lo de um andaime — ou foi o que ele alegou mais tarde, em *Minha luta*, numa história de valor duvidoso inventada ou exagerada para incrementar suas credenciais antimarxistas.²⁰

Realmente, seria um erro concluir que o desprezo dele pelo marxismo teve origem em um canteiro de obras ou em algum outro emprego braçal em Viena. Como veremos, grande parte da autobiografia de Hitler é, na pior das hipóteses, pura invencionice, ou, na melhor, aplicação retroativa de emoções que só ocorreram anos depois, na Baviera pós-guerra.²¹

A situação de Hitler atingiu o fundo do poço no fim de 1909. Em novembro, aos vinte anos, ele fez fila diante de um abrigo para moradores de rua no bairro pobre de Meidling. Testemunhas relembram a imagem de um mendigo sujo, maltrapilho, que ninguém reconheceria como o refinado dândi de Linz. Ele tinha barba

desgrenhada e cabelos que iam até os ombros, e forrava os sapatos com papel para substituir os solados gastos. Sua camisa era “notoriamente suja”, até mesmo entre os despossuídos. “Ele chegou a correr risco de ser expulso do albergue por excesso de sujeira”, comentaram testemunhas, que lembravam a figura do jovem “tímido, que não olhava nos olhos de ninguém. A única exceção era durante os momentos de êxtase em que ele falava de política”.²² O caráter volátil e a assertividade intensa despertaram zombarias, não respeito. O diretor do albergue o descreveu como “o residente mais peculiar”, e os companheiros do abrigo riam e arremedavam aquele rapaz estranho e inflamável. Alguns residentes o respeitavam, a maioria ria dele, e “muitos o consideravam um fanático”. “Ele não admitia contradição alguma, descontrolava-se e cobria de improperios qualquer pessoa que tentasse discutir. Era incapaz de debater de forma razoável, assim como de manter um convívio normal. Se não conseguisse dominar uma discussão, sua ira vinha seguida de um silêncio revoltado. A irritabilidade e o ódio geravam um clima incômodo e até hostil à sua volta.”²³

Um mendigo chamado Reinhold Hanisch, com quem Hitler partilhava um beliche, descreveu o momento em que pôs os olhos pela primeira vez em um rapaz esmaecido, exausto, de pés ensanguentados e feridos de tanto viver nas ruas:

Ele passou dias nos bancos do parque, onde muitas vezes seu sono era interrompido por policiais [...]. O terno xadrez azul tinha ficado lilás por causa da chuva [...]. Demos nosso pão para ele porque não tinha nada para comer. Um mendigo idoso que estava por perto sugeriu que ele fosse ao convento na Gumpendorferstrasse; lá, os pobres recebiam sopa todo dia entre as nove e as dez da manhã. A gente dizia que isso era “visitar a Kathie”, provavelmente porque o nome da madre superiora era Katherine. O nome do meu vizinho era Adolf Hitler.

Ele era estranho. O Asilo [abrigo] foi para ele um mundo totalmente novo, onde não conseguia se orientar, mas todos fizemos o possível para aconselhá-lo, e nosso bom humor melhorou um pouco o dele [...]. Disse-nos que era pintor, artista, e que tinha lido muito [...] tinha vindo para Viena na esperança de ganhar a vida aqui, pois já havia dedicado muito tempo à pintura em Linz, mas suas esperanças tinham sido frustradas. A senhoria dele o havia despejado, e ele se vira na rua sem abrigo.²⁴

Hitler estava falido, segundo Hanisch. “Uma noite, ele estava muito perturbado e implorou por alguns trocados a um senhor bêbado, porém o homem levantou a bengala e o insultou. Hitler ficou muito ofendido, mas eu debochei, falando: ‘Ei, você não sabia que nunca devia pedir dinheiro para um bêbado?’”.²⁵

Hitler havia se reduzido à condição de pedinte, espreitando desajustados e bêbados, o extremo oposto do que seria de imaginar de um futuro líder da Alemanha. Uma testemunha, que se chamou de “Anônimo”, conheceu Hitler naquela primavera e o descreveu assim:

A parte de cima do corpo dele ficava coberta quase até os joelhos por um casaco de cor indeterminada, talvez cinza ou amarelo. Ele tinha um chapéu velho, cinza e mole, sem a fita [...]. Quando perguntei por que nunca tirava o casaco, mesmo dentro de um espaço aquecido, ele confessou, constrangido, que infelizmente não tinha camisa. Os cotovelos do casaco e a parte de baixo das calças também estavam furados.²⁶

Alguns depoimentos foram tendenciosos ou exagerados, ou foram revelados muitos anos depois, quando os primeiros aliados de Hitler tinham incentivos políticos ou financeiros para distorcer ou florear os relatos (Kubizek era exceção). Ainda assim, Hanisch forneceu uma impressão razoável do caráter incendiário e um tanto ou quanto patético de Hitler em Viena, uma imagem coerente com outros relatos — de tal

modo que, já Führer, Hitler recorreria a métodos assassinos para eliminar qualquer registro de seus anos “perdidos”, e, em 1936, encomendaria a perseguição e a morte de Hanisch (ele morreria no cárcere em Viena em fevereiro de 1937, supostamente de ataque cardíaco).

Contudo, em 1909, eles estabeleceram um relacionamento profissional. Trambiqueiro experiente, Hanisch não teve dificuldade de se insinuar na vida miserável de Hitler. Ao descobrir que o novo amigo era artista gráfico — não pintor de casas, como havia imaginado —, ele o convenceu a pintar uma série de cartões-postais que depois Hanisch venderia para turistas. Os dois dividiriam os lucros. Como não tinha muito mais o que fazer, Hitler aceitou e pediu dinheiro emprestado à tia para comprar tinta e pincéis.

Ele passou dias perambulando pela cidade, pintando cartões-postais de edifícios, monumentos e cenas urbanas, e seu novo agente os oferecia aos visitantes. Embora fossem desenhos tecnicamente bem-feitos, pessoas que os viram mais tarde os achariam curiosamente desprovidos de alma, mas talvez elas estivessem projetando o futuro homicida do artista em uma coleção de imagens inócuas. A parceria prosperou, e, com o tempo, Adolf recebeu encomendas de publicitários da cidade e passou a desenhar cartazes de produtos como tônicos capilares, recheios de colchão, sabonetes e um talco antitranspirante chamado “Teddy”.²⁷

5. “Isso é um alemão?”

Em fevereiro de 1910, Hitler e Hanisch se mudaram para um novo abrigo para homens na Meldemannstrasse, nº 27, no bairro popular de Brigittenau. O abrigo era uma espécie de modelo de assistência social, financiado parcialmente por instituições de caridade judaicas: recém-construído, limpo, com camas boas e três refeições diárias para mil homens. Tinha até uma sala de leitura, com uma pequena biblioteca, que foi cenário de vigorosas discussões. Ali, Hitler moraria por mais de dois anos. Ele havia sobrevivido ao período mais sombrio de sua juventude com notável resistência, e, apesar dos pulmões debilitados e dos dentes em péssimo estado, sua saúde estava melhorando.

Quando não estava às voltas pela cidade desenhando cartões-postais para Hanisch, Hitler se recolhia para “seu” canto na sala de leitura e ficava lendo e desenhando em silêncio. Sempre que discordava da discussão ambiente, ele se enfurecia, ficava de pé e desatava a proferir uma de suas longas pregações sobre a grandeza da Alemanha, a decadência de Viena ou qualquer assunto que lhe ocorresse, sacudindo as mãos no ar e gritando, para o espanto de seus camaradas sem-teto, até se acalmar e voltar para o canto.

“Propaganda, propaganda!”, gritou ele em certa ocasião, em resposta à rejeição de seus companheiros a uma história sobre uma mulher que havia usado depoimentos falsos para vender tônico capilar. “É preciso insistir nela até criar uma fé e as pessoas não terem mais como saber o que é imaginação e o que é realidade [...]. Propaganda”, exclamou ele, é a

“essência de toda religião [...] quer seja sobre o paraíso ou sobre tônico capilar.”¹

Esse rompante, mesmo de procedência apócrifa, coincide com as ideias iniciais de Hitler a respeito do uso de propaganda para manipular as massas, conforme escreveria em *Minha luta*: destrua a verdade com ameaças ou violência, preencha o espaço vago com falsidades que cumpram o propósito e reitere essas falsidades repetidamente até as pessoas não só acreditarem, mas quererem acreditar.

Os novos companheiros logo se cansaram das interjeições furiosas e dos discursos bombásticos de Hitler e se limitaram a ignorá-lo. É compreensível que, naquelas circunstâncias humildes, não reconhecessem a natureza intransigente daquele homem nem contemplassem a determinação formidável que o alçaria dos becos de Viena ao cargo mais alto do Reich alemão. A resiliência e a arrogância autodidata de Hitler, além da própria natureza de seu modo de pensar, passaram despercebidas por muita gente. Incapazes de acompanhar o discurso turbulento e a mente ágil daquele sujeito jovem e estranho, muitos recorreram às risadas e troças.

Em 1910, Hanisch, que conseguira vender muitos quadros de Hitler, se rebelara contra o jovem protegido. Ele ficou furioso ao saber que Hitler também havia vendido cartões-postais por intermédio de Josef Neumann, um judeu húngaro que trabalhava polindo artigos de cobre e também morava no abrigo para homens. Em uma ocasião, Hitler e Neumann desapareceram juntos por cinco dias. Quando Hitler acusou Hanisch de enganá-lo após a venda de uma imagem do Parlamento de Viena, que o artista alegou valer cinquenta coroas, o relacionamento dos dois degradingou. Hitler chegou até a denunciar Hanisch como ladrão na delegacia local, o que fez seu antigo amigo passar uma semana na cadeia.

Assim, foi outro alemão, e não os companheiros judeus, que enganou e se aproveitou de Hitler em Viena. Na verdade, Neumann partilhava do amor de Hitler pela “Alemanha” e deu ao amigo um sobretudo preto velho, que se tornou uma espécie de marca registrada na pensão e preservou a saúde dele durante o inverno de 1910-1.

Ao que consta, não há registro nenhum de que o jovem Adolf tenha tido algum caso ou relacionamento sexual em Viena. Era rigorosamente proibido levar mulheres ao abrigo para homens, mas aquilo não fazia diferença para Hitler. Segundo os colegas, ele dispensava companhia feminina. Embora fosse suscetível à beleza das mulheres e fizesse comentários de longe sobre algumas, ele exibia, ou simulava, uma distinta *froideur* em relação ao sexo oposto nas poucas ocasiões em que tivera contato real com ele. Já as mulheres, aparentemente, prestavam atenção nele, em especial na ópera, onde Hitler costumava passar o tempo com ar indiferente, segundo Kubizek, que especulava que as mulheres queriam “testar aquela fonte masculina de resistência”.²

Muitos anos mais tarde, em seus monólogos de *Tischgespräche im Führerhauptquartier* de 1942, Hitler alegou ter encontrado “muitas mulheres bonitas em Viena” e ter apreciado especialmente moças “grandes e loiras”.³ Contudo, de acordo com Ullrich, aparentemente não chegara a conhecer nenhuma. Ele certamente dava a impressão de ter medo delas; mais tarde, Hitler descreveria a mulher ideal como “uma coisinha simpática, carinhosa, ingênua — delicada, gentil e tola”.⁴ Tinha horror a sífilis, e a ideia de relação sexual ofendia seus critérios de higiene pessoal. Agora que podia tomar banho e se manter limpo, a lembrança dos tempos como mendigo imundo durante seus piores dias em Viena só lhe inspirava nojo.

Não foi por princípios religiosos ou questões de consciência que

Hitler evitou relacionamentos sexuais pré-conjugais. Na realidade, parece que ele era adepto de noções conservadoras sobre masculinidade, comuns na época, segundo as quais o celibato era visto como um teste de autocontrole masculino, de abnegação estoica. Era uma forma de amor-próprio e destacava o poder de sua força de vontade.

Sua escolha de não fazer sexo parecia saída do “código moral” do líder radical Georg Ritter von Schönerer – manter o celibato até os 25 anos, não fazer sexo com raças “inferiores” ou “impuras”, não consumir carne nem álcool. Schönerer alegava que o “celibato prolongado” era muito benéfico para os jovens. O celibato “acelera o raciocínio, renova a memória, inspira a imaginação e fortalece a vontade”, escreveu Schönerer – tudo besteira, claro, professada por um homem sem nenhum conhecimento médico, em quem muitas pessoas acreditaram. Isso permitiu que Hitler transformasse em virtude sua abstinência e o ódio da “decadência”: prostituição e homossexualidade o revoltavam; ele nem sequer se masturbava, segundo Kubizek.⁵

Em suma, o código masculino de Schönerer serviu como um instrumento conveniente para disfarçar o medo de insatisfação sexual de Hitler, algo provavelmente comum para os rapazes da época. Anos mais tarde, ele chegou a investir com disposição em alguns relacionamentos com mulheres, mas só se casaria com Eva Braun, sua companheira de longa data, quarenta horas antes de ambos consumarem o pacto suicida no dia 30 de abril de 1945, dentro de seu bunker em Berlim.

Se Hitler manteve o celibato em Berlim, o que parece provável, ele chegou aos 24 anos de idade virgem.⁶ Em 1912, passou a dedicar tempo e energia à sua “educação” política, em um esforço para se definir com base em tudo o que ele mais desprezava – sobretudo marxismo, escravos,

arte moderna e os Habsburgo — e para sonhar com o que mais desejava: um mundo governado pela Alemanha.

A fé de Hitler na “Alemanha” e nos “alemães” permanecera indevassável desde sua infância. Sendo parte da minoria alemã na Áustria, ele sempre nutria um intenso sentimento de exílio histórico, inspirado pelo pangermanismo de seus professores e da família, e manifestado por um desejo de retorno à terra natal. Os ideais de uma Alemanha salvadora da Europa e do destino do povo alemão de governá-la foram bem formados em sua juventude. O poderio militar prussiano o impressionava: o único livro que ele tinha nesse período era uma história da vitória prussiana sobre a França em 1870-1.

O maior ícone em seu panteão de heróis alemães era o conde Otto von Bismarck, responsável pela realização colossal de unificar a Alemanha em 1871. O Chanceler de Ferro foi um dos poucos homens que Hitler admirou sem reservas a vida inteira, sobretudo por sua liderança “a ferro e sangue”, por seu ódio à democracia social e aos não alemães e pelas políticas de *Kulturkampf*, a supremacia do domínio secular contra a Igreja católica. Tudo isso ganharia uma nova expressão da forma mais brutal durante a dominação nazista.

No início do século XX, a nova Alemanha avançava a passos largos, anunciando ao mundo a chegada de uma força econômica e cultural. No entanto, o sucesso econômico e político do país tinha um lado sinistro. O orgulho pela conquista do novo império inspirou um patriotismo fervoroso e até fanático, uma lealdade absoluta à pátria. Por extensão, e com intensidade variada nos anos seguintes, essa nova sensibilidade excluía os não alemães ou as raças não teutônicas, usando o termo racista da era do darwinismo social.

De acordo com essa hipótese, os eslavos e os judeus eram raças

explicitamente inferiores e não tinham direito de existir na primeira fila das nações, que tinha a *Deutschland* como modelo deslumbrante. Nesse sentido, a criação da Alemanha expressava uma nova consciência racial, uma plena consciência “alemã”. A consolidação da *Deutschland* tinha sido o fato político e econômico mais impactante da Europa na primeira década do século XX. Hitler absorveu aquilo tudo da forma mais virulenta. O órfão perturbado via na Alemanha sua salvadora, sua única esperança. Não é exagero sugerir que projetava a saudade da mãe falecida na *Deutschland*, sua terra materna teutônica.

Em Viena, o amor de Hitler pela Alemanha se intensificou na mesma medida que seu desprezo pelo Parlamento austríaco e pela farsa da democracia. Ele era mais afeito aos usos autoritários do poder político, seguindo o exemplo de Bismarck, em um momento em que o Parlamento austríaco enfrentava dificuldades para fornecer condições de vida adequadas, empregos e esperança. Os políticos locais não haviam conseguido descobrir uma solução para a miséria e, de tempos em tempos, tentavam transferir a responsabilidade pelo fracasso aos bodes expiatórios preferidos: minorias como judeus, ciganos, sérvios, tchecos, italianos, húngaros ou romenos.

Tudo isso tendia a frustrar os austríacos alemães, muitos dos quais se opunham firmemente aos métodos antiquados e apáticos dos Habsburgo. Como Hitler, eles queriam que ameaças externas fossem combatidas na ponta da espada e exigiam ações decisivas nos Bálcãs. No fim do século XIX, os Habsburgo tentaram expandir o império para a península balcânica (principalmente porque o país precisava de acesso ao mar), primeiro ocupando a Bósnia-Herzegóvina em 1878, e por fim a anexando em 1908. No entanto, táticas de imposição pela força e por ações decisivas não faziam parte do estilo do regime, cujo espírito norteador se caracterizava por empurrar com a barriga, não entrar de

sola. Afinal, os Habsburgo eram, na prática, senhorios, não governantes, e manipulavam os elementos que constituíam o império em um jogo constante de divisão e conquista. “As terras dos Habsburgo não eram unidas pela geografia nem pela nacionalidade”, observou A. J. P. Taylor.⁷

Durante séculos, os turcos otomanos haviam sido tradicionalmente a maior ameaça contra o domínio Habsburgo. Isso acabou em 1912, com a expulsão da Turquia dos Bálcãs na Primeira Guerra Balcânica. Com isso, o povo eslavo assumiu o lugar dos muçulmanos como o inimigo “necessário” do Império Austro-Húngaro. Viena dirigiu seus olhos cobiçosos ao recrudescimento eslavo na península, em especial ao grupo mais forte e ameaçador: os sérvios, que contavam com apoio da Rússia. Francisco José e sua corte fervorosamente antieslava — com exceção do sobrinho e herdeiro dele, o arquiduque Francisco Ferdinando, que, em uma das ironias mais trágicas da história, defendia uma política moderada em relação aos eslavos — estavam determinados a controlar o território balcânico deixado pelos turcos e, com apoio da Alemanha, impedir o acesso da Rússia à península.

O jovem Hitler partilhava dessa meta de forma extremamente agressiva. Ele se opunha com violência à dominação eslava nos Bálcãs. Acreditava que a política austríaca de lenta assimilação da península era muito insuficiente: a anexação da Bósnia-Herzegóvina devia ter iniciado um processo de conquista total da Sérvia e de outros territórios sujeitos à influência da Rússia. Hitler desprezava a nobreza atabalhoada da Áustria, assim como a da Alemanha. Detestava Francisco Ferdinando e seus seguidores moderados. Via com desgosto o titubeante cáiser Guilherme II. O único cortesão aristocrata que ele admirava era o belicoso conde Conrad von Hötendorf, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Áustria, que fizera constante pressão para que o governo vienense esmagasse a Sérvia.

Para Hitler, que aos poucos ia desenvolvendo sua sensibilidade política, apenas o poder de uma “Alemanha” unida, uma Pan-Alemanha, seria capaz de produzir uma solução coerente com a ruína racial da Europa Central e controlar os eslavos ao sul. Daí seu forte apego aos demagogos e aos teóricos raciais alemães que proliferavam em Viena na época, de quem partilhava algumas ideias – sem adotar nenhuma. As teorias de preservação racial e os métodos de manipulação política que eles defendiam o impressionavam mais do que o antissemitismo explícito, que de tão difundido Hitler simplesmente assumia como fato.

Nessa época de sua vida em Viena, os hábitos de leitura de Hitler eram assistemáticos, arbitrários e impulsivos. Segundo Kubizek, ele raras vezes consumia literatura por lazer, sem contar seu antigo amor pelos mitos germânicos e pelas sagas de heroísmo teutônico. É extremamente improvável que tenha chegado a ler algum livro inteiro de filosofia de Arthur Schopenhauer ou Friedrich Nietzsche, apesar de Kubizek alegar que Hitler vivia cercado de obras desses autores no apartamento dos dois.⁸ O jovem de 21 anos preferia a imprensa popular e pequenos panfletos políticos. Numa época anterior a emissoras de rádio e canais de televisão, os jornais tinham um poder imenso. Os diários de Viena eram divididos entre “imprensa judaica” e “imprensa antijudeus”; a última defendia ideias pangermânicas e “pureza” racial. Para acompanhar as notícias, Hitler lia os tabloides, principalmente o panfletário e antissemita *Deutsches Volksblatt*.

Ele juntava fragmentos de teoria política, religiosa e racial que reforçavam suas próprias opiniões, colecionando conhecimento da mesma forma que alguns pássaros colecionam objetos coloridos. O “ninho” mental de Hitler era uma maçaroca de fatos, opiniões e simples mentiras que sustentavam a “filosofia” pessoal que ele começava a

desenvolver e os preconceitos correspondentes. Reunia tudo o que concordava com essa excrescência mental e ignorava o resto, como se estivesse seguindo algum plano preconcebido.

Aos leitores de *Minha luta*, Hitler revelou considerar esse método uma vantagem intelectual: a “arte” de ler corretamente, explicou ele, era “separar em um livro o que tivesse valor para eles do que não tivesse, reter o primeiro para sempre e, se possível, nem ver o resto, mas, de qualquer forma, não ficar arrastando essas partes como um peso morto”.⁹ Ou, em outra tradução: “A arte de ler e estudar consiste em lembrar o essencial e esquecer o que não é essencial”.¹⁰

Os termos “fatos essenciais” e “peso morto” se aplicavam ao que Hitler quisesse. A leitura, para ele, era apreender informações que reforçassem seus preconceitos e facilitassem a “obra” de sua vida. Provas concretas que desmentissem suas ideias ele simplesmente rejeitava ou ignorava, por serem inúteis. Hitler não queria saber de contexto adequado, de avaliação de prós e contras, muito menos de métodos dialéticos ou hipotéticos na busca pela verdade. Não tinha interesse em “especialistas” e “intelectuais”, obviamente. Para alimentar sua *Weltanschauung*, sua “filosofia de vida”, ele se abastecia de tiradas de tabloides, retóricas políticas raivosas e pinceladas de filosofia. Sua excelente memória colhia citações e fragmentos que faziam seus companheiros sem instrução acharem que ele era um mendigo filósofo, um intelectual perdido.

Nessa época, Hitler exercitava muito a mente com tópicos relacionados à grandeza alemã, à ascensão da pátria e ao direito hegemônico do povo alemão, o que deixava sua visão de mundo pangermânica cada vez mais forte. Mais tarde, ele faria a afirmação plausível de que sua perspectiva na época era “plena e exclusivamente a favor do movimento pangermânico”. Foi aí que o conceito de raça

“ariana” começou a se insinuar em sua mente: parecia que um povo ancestral de origem indo-iraniana com míticos poderes mentais e físicos tinha sido o precursor do herói nórdico alto e loiro que animava a literatura de extrema direita. Contudo, não se deve supor que esses *Übermenschen* exerceram alguma grande influência na cabeça dele na época: em Viena, Hitler estava longe de formular a “teoria de raça” que transformaria o Partido Nazista em genocida. No entanto, ele certamente era receptivo a qualquer ideia que cimentasse conceitos de supremacia alemã.

Na Viena pré-guerra, tais ideais proliferavam. Hitler ia a palestras e lia panfletos sobre supremacia racial alemã oferecidos por diversos pregadores de rua, pangermânicos incendiários, teóricos raciais e pseudocientistas. Entre eles se incluíam Guido von List, o pangermânico charlatão, “visionário” e místico que cobrava a “desmiscigenação” (ou seja, a limpeza) da população e que apontava a suástica como sinal do “invencível” e “forte ser superior”; Josef Adolf Lanz von Liebenfels, ex-monge e editor do *Ostara*, um periódico dedicado a cultivar a “raça suprema”, que adotava a suástica como símbolo de sua sociedade “racialmente pura” de novos templários e propunha colônias de “puros-sangues” para proteger o perfeito sangue ariano contra raças inferiores (ironicamente, o próprio Liebenfels tinha ascendência judaica); Hans Goldzier, um “cientista” autodidata que tachou a teoria da gravidade de Newton de “falsa” e que pregava uma forma especialmente grosseira de darwinismo social; o pangermânico Franz Stein, cujo desdém pelo Parlamento ensinaria Hitler a fragilizar a democracia; Karl Hermann Wolf, líder do Alemanha Livre, o partido pangermânico mais radical de todos; e Houston Stewart Chamberlain, o escritor inglês que adquiriu cidadania alemã e cuja imensa obra de história pseudocientífica, *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts*

[As bases do século XIX], concebia toda a história da humanidade como uma luta racial entre os povos nórdicos, teutônicos e anglo-saxões e o resto, destacando os judeus como um tumor parasita na conquista ariana (ele comparou as tribos góticas que dizimaram Roma aos prussianos modernos).¹¹

Duas influências intrigantes na mente jovem de Hitler foram “intelectuais” de origem judaica que haviam rejeitado a religião, os quais ele provavelmente lia nos jornais: Arthur Trebitsch, um escritor e “teórico racial” austríaco paranoico que, apesar de ser filho de um magnata judeu da indústria, se voltou contra o judaísmo e se convenceu da existência de uma “conspiração internacional de judeus do mundo todo” contra o povo alemão e que acreditava que os judeus estavam tentando “envenená-lo com raios elétricos”;¹² e Otto Weininger, acadêmico precoce e talentoso e cristão convertido que, talvez como compensação por não ter conseguido erradicar seu “judeu interior”, condenou o povo escolhido como uma “raça” de “mestiços” e “negros”, o que acabou por anular sua própria conversão: se os judeus eram uma raça, como Weininger sugeria, então ele próprio jamais deixaria de ser judeu. Incapaz de se libertar daquela lógica autoaniquiladora, Weininger acabou se matando. Tinha 23 anos. (Depois, os nazistas usariam seu exemplo contra os apelos dos judeus que tivessem se convertido ao cristianismo: era a “raça”, não a religião, que determinaria em última instância se a pessoa viveria ou morreria.)

Em Viena, Hitler também foi exposto à teoria degenerada do darwinismo social, muito disseminada na Europa, segundo a qual era possível acelerar e aplicar essa “seleção natural” a uma sociedade viva, que seria dominada pela raça “mais apta”. Sem o jargão pseudocientífico, tal ideia era uma simples repetição da lei da selva na

civilização europeia. Para Hitler, fazia todo o sentido, pois amparava sua crença de que os arianos eram a raça “mais apta”.

As noções de pureza racial e poder alemão faziam parte de uma narrativa comum na Viena pré-guerra — e em toda a Europa —, em cujas rodas de conversa sentimentos racistas eram presença constante. Nesse ambiente, uma postura de desdém por judeus ou “raças inferiores” — eslavos, poloneses etc. — era “normal”, uma linha de raciocínio típica. Nenhum dos supremacistas raciais pangermânicos que Hitler acompanhava, lia ou ouvia durante seu período em Viena considerava tais ideias algo idiota, intolerante ou incivilizado, pois todos pensavam o mesmo.

Em *Minha luta*, Hitler alega que saiu de Viena com um ódio violento contra o povo judeu, e que seu projeto racial já estava completo.¹³ Em Viena, insiste ele, “passei pela maior revolução interna da minha vida. Deixei de ser um cosmopolita fraco e me tornei um antissemita fanático”.¹⁴ Isso é pura invenção. Em Viena, e depois em Munique, Hitler não exibia nenhum ódio sistêmico em relação a judeus ou outras minorias, apesar do contato com toda uma galeria de influências e pensadores racistas. Aquelas ideias apenas reforçaram sua crença de que os alemães eram a raça suprema, mas ainda não chegaram a inspirar nele um ódio intenso e específico contra determinadas “raças”.

Seu antissemitismo nesse período ia pouco além da hostilidade geral da cidade, onde tais opiniões eram senso comum: como muitas outras pessoas, ele se limitava a juntar os judeus com tudo o que costumava ser descartado como detrito étnico no caldo que era Viena. “Hitler não viveu nenhuma epifania antissemita em Viena”, conclui Volker Ullrich. A verdade, como ele e outros informam, era muito mais turva.¹⁵ No entanto, é fato que as sementes haviam sido plantadas e repousavam na

mente de Hitler, e que germinariam anos depois, fertilizadas por sua intensa experiência na Grande Guerra e suas consequências.

De fato, a experiência de Hitler com os judeus de Viena pinta um quadro diferente, muito mais complicado. O primeiro contato dele com judeus ortodoxos, vestidos com seus tradicionais cafetãs pretos, chapéus de abas largas, barba e *tzitzits*, provocou uma curiosidade mórbida, não um ódio assassino, como ele relata em *Minha luta*:

Uma vez, quando eu estava caminhando pela região central da cidade, encontrei de repente uma aparição de caftã [sic] preto e cachos de cabelo preto. Meu primeiro pensamento foi: isso é um judeu? Pois, sem dúvida alguma, eles não eram daquele jeito em Linz. Observei furtiva e cuidadosamente o sujeito, mas, quanto mais eu encarava aquele rosto estranho, analisando cada traço, mais minha pergunta inicial assumia uma nova forma: Isso é um alemão?¹⁶

Ele alegou que essa experiência o inspirou a “estudar” o povo judeu e o movimento político sionista: “Com alguns *hellers* [meio *pfennig*], comprei os primeiros panfletos antissemitas da minha vida”. E não tardou até que, aparentemente, fosse impossível ele andar sem esbarrar com algum outro sujeito de cafetã preto. “De repente, encontrei-o em um lugar onde jamais imaginei que o veria. Quando reconheci o judeu como líder da social-democracia, meus olhos se abriram. Uma antiga luta em minha alma havia chegado ao fim.”¹⁷ O rosto de seu verdadeiro inimigo fora revelado, diria ele mais tarde: os judeus eram uma “pestilência espiritual, pior que a peste negra”.¹⁸

Essa é outra invenção *ex post facto*. Hitler não passou por nenhuma “conversão” súbita ao antissemitismo violento em Viena ou em qualquer outro lugar. Como veremos, o processo seria gradual, combinando oportunismo político e ódio genuíno. Ele concebeu essa aparente

revolução psicológica muitos anos depois, para incrementar suas ambições políticas e estabelecer o “contínuo” de homem destinado. Na realidade, seu primeiro contato com judeus em Viena causara pouco impacto em seus pensamentos. Ele deixara a questão de lado. Para Hitler, “os judeus” eram mais uma curiosidade transitória, outro carbúnculo social, além da abundância de “forasteiros”, pobreza e prostituição.

Na realidade, dois de seus principais amigos na época eram judeus, segundo a pesquisa forense de Brigitte Hamann para o livro *Hitlers Wien* [Viena de Hitler]: Josef Neumann, o judeu húngaro que trabalhava polindo artigos de cobre e com quem ele formou parceria, e Simon Robinson, um chaveiro caolho. E os judeus eram alguns dos maiores compradores dos cartões-postais de Hitler, que um amigo judeu de Neumann, Siegfried Loffner, e dois judeus fabricantes de molduras, Jakob Altenberg e Samuel Morgenstern, promoviam e vendiam em suas comunidades. Foi graças à ajuda deles que Hitler não recaiu na pobreza absoluta.

Na sala de leitura do albergue, segundo Hanisch, Hitler às vezes teria defendido os judeus, elogiando a caridade deles e dando exemplos de grandes músicos e artistas judeus.¹⁹ É claro que Hanisch escreveu no começo da década de 1930, depois de ter se desentendido com Hitler, e estava tentando desacreditar o velho sócio.²⁰ As declarações dele não podem ser descartadas completamente quando comparadas a outras testemunhas cujos relatos às vezes também eram tendenciosos ou tinham motivações pessoais ou políticas; contudo, o conjunto como um todo forma um retrato coerente, ainda que limitado, do jovem companheiro perturbado e amargurado. “Naqueles tempos, Hitler não odiava judeus de forma alguma”, escreveu Hanisch em um artigo publicado postumamente na *New Republic*, em 1939. “Ele passou a

odiar depois. Já naquela época dizia que o fim justifica os meios, então incorporou o antissemitismo ao projeto para servir como um slogan poderoso.”²¹

Na verdade, Hitler falava com frequência em tom de admiração a respeito do povo judaico, segundo Hanisch, com quem ele conversava sobre o assunto durante as caminhadas noturnas dos dois.

Ele admirava os judeus pela resistência diante de todas as perseguições. Comentou que Rothschild poderia ter tido o direito de ser admitido na corte, mas recusou porque para tal teria que mudar de religião. Hitler achou que foi um gesto decente e que todos os judeus deviam agir da mesma forma. Durante nossa caminhada noturna, conversamos sobre Moisés e os Dez Mandamentos. Hitler achava possível que Moisés tivesse inspirado os mandamentos em outras nações, mas, se fossem realmente criação dos judeus, eles como nação haviam produzido uma das maiores maravilhas da história, já que nossa civilização toda se baseou nos Dez Mandamentos.²²

Outros relatos atestam a admiração que Hitler nutria pela resiliência dos judeus e a capacidade que aquele povo tinha de sobreviver e preservar a fé apesar de séculos de opressão. Segundo “Anônimo”, o companheiro de albergue de identidade ainda desconhecida, mas cujos comentários têm sido tratados como confiáveis, Hitler “se dava bem com judeus. Uma vez ele disse que era um povo esperto que se mantinha mais unido que os alemães”.²³ Realmente, o ódio assassino posterior de Hitler em relação ao povo judaico se desenvolveu, em parte, a partir do medo que ele tinha de que a “pureza” e o sucesso dessa “raça” representassem uma ameaça séria à sua fantasia ariana.

Em suma, Hitler não exibia nenhum sinal de antissemitismo cruel ou ódio “racial” em relação aos judeus de Viena. Ele mesmo declarou em *Minha luta* que praticamente nem havia reparado nos judeus da cidade no início e que, quando reparou, estudou-os como se fossem uma ligeira

peculiaridade. “Ainda que naqueles tempos Viena tivesse quase 200 mil judeus na população de 2 milhões de pessoas, eu não os via [...]. Pois para mim o único fator que caracterizava um judeu ainda era a religião, e assim, em nome da tolerância humana, mantive minha rejeição a ataques religiosos nesse caso tanto quanto em outros.” Ele considerava o tom agressivo da imprensa antissemita da cidade “inferior à tradição cultural de uma grande nação”.²⁴

Anos depois, seus companheiros da juventude, desabrigados, desempregados, vendedores ambulantes, “agentes” e estudantes — incluindo Hanisch, o informante “Anônimo”, colegas de albergue como Karl Honisch e Rudolf Häusler e, claro, Kubizek — confirmaram esse fato. Foi motivo de espanto para os conhecidos de Hitler no abrigo masculino quando se revelou que aquele companheiro sério e pudico, que nunca bebia, não se interessava por mulheres e aparentemente nunca se divertia era o mesmo antissemita violento que foi eleito chanceler do Reich. Nada do que Hitler fez ou disse entre 1908 e 1914 dera qualquer indicação de que ele seria o futuro líder da Alemanha, conquistador da Europa e exterminador de judeus.

Dois políticos vienenses provocaram em Hitler um impacto maior do que discursos apocalípticos e teóricos panfletários, e exerceram poderosa influência em sua futura carreira política: o feroz antissemita Georg Ritter von Schönerer e o prefeito da cidade, o dr. Karl Lueger. Schönerer e Lueger serviram de modelo para ele, que em *Minha luta* descreveria ambos como admiráveis fracassos.

Quando Hitler chegou a Viena, Schönerer, o já não tão popular líder do movimento pangermânico, era uma força praticamente exaurida, furioso anticatólico, anti-Habsburgo, antiliberal e irredutível antissemita, definido apenas por tudo o que ele odiava. Apesar do fim

de sua carreira política, suas ideias se proliferaram, e inúmeros demagogos oportunistas brandiram a bandeira do schönenerismo ou alguns elementos dela. Schönerer havia exigido constantemente a eliminação da influência judaica em todas as áreas da vida pública. O extremismo e a excentricidade dele — que se intitulou “Führer” e insistia na saudação “*Heil*” — não comoveram ninguém além do conjunto cada vez menor de seguidores imediatos, e ele recebeu míseros vinte votos nas eleições de 1911. Hitler mais tarde concluiria que Schönerer errara principalmente ao ignorar a importância do interesse das massas e ao confundir e dividir seus seguidores por não oferecer nenhum grupo específico em quem concentrar o ódio. E o projeto “Longe de Roma” de Schönerer simplesmente alienava a grande comunidade católica de Viena.

Anos depois, como Führer, Hitler se aproveitou dessas “lições”, mobilizando uma poderosa máquina de propaganda, atenuando seu anticatolicismo quando conveniente e dirigindo toda a ira dos nazistas contra um único alvo. No entanto, a essa altura, ele possuía um balaio de ideias incoerentes sobre raça e política, que aos poucos iam se transformando em algo definido e intransigente.

O dr. Lueger, prefeito de Viena entre 1897 e 1910, líder do Partido Social Cristão e chamado de “Senhor de Viena”, exerceu uma influência profunda e prática no jovem Hitler. Não há dúvida de que Lueger foi um excelente advogado e um bom prefeito no sentido tradicional: construiu hospitais, escolas e igrejas, reformou a rede de transportes e o sistema de abastecimento de água (e todas essas iniciativas impressionaram a noção de orgulho civil e responsabilidade municipal de Hitler). O prefeito era também plenamente pangermânico e desejava preservar o caráter alemão da cidade em um mar de caos racial.

A oratória extraordinária de Lueger, junto com seus bordões simples, comoveu e impressionou Hitler. Ele gostava de dizer: “Viena é alemã e precisa se manter alemã!”, diante do imenso afluxo de eslavos que chegavam à cidade em busca de trabalho e para fugir dos problemas nos Bálcãs. Ou: “A Grande Viena não pode se transformar na Grande Jerusalém!”. Quando a mídia o atacava por se negar a permitir o sufrágio aos judeus de Viena, o que teria fortalecido os sociais-democratas, de liderança judaica, Lueger se limitava a condenar a “imprensa judia”, o que fazia a alegria de seus seguidores e solidificava sua influência.²⁵

A culpabilização dos judeus pelo prefeito era devastadora. “Lueger soube concentrar todas as imagens negativas de seus eleitores em um movimento poderoso: o antissemitismo”, diz Brigitte Hamann. “Ele reduziu tudo o que era contraditório a uma fórmula simples: a culpa é dos judeus.”²⁶ Lueger declarava estar lutando para defender o cristianismo de “uma nova Palestina” e invocava regularmente o antigo ódio católico aos “assassinos de Cristo”. Suas arengas racistas chafurdavam no lodaçal de clichês antissemitas. Ele unia seu eleitorado contra os “judeus da imprensa” e os “judeus de tinta” (intelectuais), “judeus da Bolsa de Valores” e “judeus mendigos” (imigrantes do Leste Europeu).²⁷ Transformou o ódio aos judeus em um espetáculo, um jogo de revolta, para ganhar pontos políticos. “Eu falei decapitados!”, gritou quando o acusaram de dizer que para ele não fazia diferença se judeus fossem enforcados ou fuzilados.²⁸

Essas declarações inflamadas aconteciam em momentos específicos, escolhidos a dedo (em época de eleição), o que sugeria que o posicionamento antissemita dele era pouco mais que oportunismo político. Lueger decerto sabia aproveitar a intolerância daquela cidade terrivelmente preconceituosa. Para o pesquisador Ewart Turner, ele escolheu os judeus “como uma espécie de cola política que uniria

príncipe e plebeu, academia e criadagem, em um movimento social sem classes”.²⁹

Para Lueger, era tudo um jogo político. Ele nunca foi “longe demais”: tinha amigos judeus poderosos e não ameaçava empresas de judeus. Seu antissemitismo nitidamente era concebido para arrebanhar apoio entre católicos e trabalhadores. Com Lueger, Hitler teve uma aula valiosa sobre a arte da persuasão política e o poder da oratória e da propaganda. Mais tarde, em um prenúncio sinistro, ele acusaria o antissemitismo do prefeito de ser uma farsa irresoluta.

Embora tais políticos e radicais tenham contribuído para o pensamento de Hitler nesses primeiros anos, eles não o dominaram (nenhum deles chegara a conhecer aquele rapaz estranho que frequentava as reuniões e devorava os panfletos). Hitler decidiu cedo que não seria discípulo de ninguém. Não entrou para o partido deles e não concordava com tudo o que diziam. Estudava suas políticas. Lia suas obras, ouvia seus discursos e extraía os elementos que o agradavam ou que condicionavam seus preconceitos incipientes. Embora os admirasse abertamente, não adotou nenhum como “exemplo” ou mentor. Contribuíram com Hitler com fragmentos que ele absorveria para usar mais tarde. O futuro Führer pilhava as entranhas dos ideais políticos de outras pessoas.

Um ingrediente crucial distinguia a visão pangermânica incipiente de Hitler de todas as demais: o controle de massas. Apenas um movimento de massa catapultaria a Alemanha ao poder. Mais tarde, ele defenderia que pouco seria realizado enquanto a moderação burguesa contaminasse a população alemã na Áustria. Diletantes intelectuais e parlamentares frouxos seriam inúteis na iminente “luta revolucionária”: